

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



“DASEIN”

**ANSIEDADE PERANTE A MORTE E IMORTALIDADE
SIMBÓLICA EM IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS**

Andreia Marisa Colaço Gomes

Dissertação orientada por Professor Doutor Rui Aragão

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2007/2008

Agradecimentos

A Todos os que me deram força
e apoiaram para levar este trabalho
até ao fim.

Resumo

A condição humana identifica-se com a fragilidade da vida ou com a inexorabilidade da morte. No sentido de perceber como os idosos vivem esta realidade e, a ansiedade que isso pode acarretar, assim como até que ponto alguns factores e atitudes perante a morte podem contribuir para um aumento ou diminuição desta ansiedade, realizamos um estudo experimental com Sessenta e cinco idosos a viver em Instituições, na zona de Alverca do Ribatejo e Alhandra. Foram utilizadas três escalas (Escala de Ansiedade perante a morte (RDAS), Escala de Imortalidade Simbólica (SIS) e uma Escala de Atitudes perante a morte (DAS) aplicadas através de entrevistas semi-directivas. Através da análise de resultados verificou-se que existe um baixo nível de ansiedade perante a morte na amostra estudada e que a imortalidade simbólica tem uma correlação negativa com as diferentes atitudes perante a morte. Verificou-se ainda, para esta amostra, que não existe um modo privilegiado de Imortalidade Simbólica, tendo cada modo a sua importância, encontrando-se contudo resultados menos dispersos no Modo de Transcendência. A Atitude perante a morte mais privilegiada na amostra é a Aceitação Neutral. Notou-se ainda a existência de uma correlação forte positiva entre a Ansiedade Perante a Morte e as Atitudes de Medo, Evitamento e Aceitação como Aproximação.

Palavras – Chave: Morte, Ansiedade perante a morte, Imortalidade Simbólica, Idosos, Institucionalização.

ABSTRACT

The human condition identifies it self with the fragility of life or with inexorability. In order to understand how the elderly people cope with this reality, with the resultant anxiety, and to which degree some factors and attitudes before death, can contribute to a an increase or decrease of this anxiety, a experimental study was made.

This study involves 65 elderly people, residents in institutions in the Alverca do Ribatejo and Alhandra areas. 3 scales were applied (Revised Death Anxiety Scale –RDAS, the Symbolic Immortality Scale – SIS and the Death Attitudes Profile – DAS), through semi-directive interviews.

The results showed us that in this sample, there's a low level of anxiety before death and that the Symbolic Immortality correlates negatively with the different attitudes before death. The results also showed that, in this sample, there isn't one privileged Symbolic Immortality mode. Each mode as it's own relevance, although dispersed results were found in the Transcendental mode. The most relevant attitude before death in this sample was the Neutral Acceptance. It was also found a strong positive correlation between the Anxiety before death and the Fear, Avoidance/Acceptance and the Approximation attitudes.

Key Words: Death; Anxiety Before Death; Symbolic Immortality, Attitudes Before Death;; Agging.

Índice

	Página
INTRODUÇÃO	8
 PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	
Capítulo I – Envelhecimento - problemas e desafios	10
1. O estado da arte: envelhecimento - problemas e desafios	11
2. Institucionalização: da realidade e dos factos	14
 Capítulo II – A morte e o morrer	 16
2.1. Universalidade e comunalidades: perspectivas onto-epistemológicas	17
2.2. Ansiedade perante a Morte	22
2.2.1. Compreensão dos aspectos psicológicos face à morte na idade adulta	27
2.3. Atitudes perante a morte - «o modelo de aceitação»	34
 Capítulo III – Imortalidade simbólica	
3. Factores de redução da ansiedade perante a morte	37
3.1. O modelo de imortalidade simbólica	37
 PARTE II – ESTUDO EMPIRICO	
Capítulo I – Metodologia	40
1. Questões de investigação	40
2. Tipo de Investigação	41
3. População e Amostra	41
3.1. Tipo de Amostragem	41
3.1. Caracterização geral da amostra	42
4. Variáveis estudadas	45

5. Instrumentos de colheita de dados	45
6. Procedimentos de colheita de dados	50
Capítulo II - Resultados	51
Capítulo III – Discussão	61
Referências Bibliográficas	67
Anexos	70

Lista de Quadros

Quadro 1: Caracterização da Amostra em Estudo	43
Quadro 2: Distribuição absoluta e percentual relativa aos itens de caracterização das actividades dos idosos	44
Quadro 3: Estatística resumo para as dimensões/factores e pontuações das escalas: DAS; RDAS e SIS (N=65)	52
Quadro 4: Itens mais valorizados na Escala de Ansiedade Perante a Morte (RDAS)	54
Quadro 5: Itens mais valorizados na Escala de Imortalidade Simbólica (SIS)	55
Quadro 6: Itens mais valorizados na Escala de Atitudes Perante a Morte (DAS)	57
Quadro 7: Resultados da aplicação do teste t para grupos independentes tendo como variável dependente as diferentes dimensões e pontuações das escalas em estudo e como factor a variável sexo	58
Quadro 8: Matriz de correlações bivariadas de Pearson entre as Dimensões/factores e pontuações das escalas: DAS; RDAS e SIS (N=65) – Testes bicaudais	59

Lista de Anexos

Anexo A	71
Questionário Sócio-Demográfico	
Anexo B	72
Escala Revista de Ansiedade Perante a Morte – RDAS – Thorson e Powell [1994]	
Anexo C	73
Symbolic Immortality Scale – Matheus & Kling [1998]	
Anexo D	74
Death Attitude Profile – R – Wong, P.; Reker, G.; Gesser, T. [1994]	

Introdução

Desde os primórdios da Civilização, a morte é considerada um aspecto que fascina e, ao mesmo tempo, aterroriza a Humanidade. A morte e os supostos eventos que a sucedem são, historicamente, fonte de inspiração para doutrinas filosóficas e religiosas, bem como uma inesgotável fonte de temores, angústias e ansiedades para os seres humanos.

O tema da morte não é de forma alguma uma discussão actual. Foram muitos os filósofos, historiadores, sociólogos, biólogos, antropólogos e psicólogos a discutir o assunto no decorrer da História. Isto porque a morte não faz parte de uma categoria específica, é uma questão que atravessa a história, e sobretudo uma questão essencialmente humana.

Falar sobre a morte, ao mesmo tempo que ajuda a elaborar a ideia da finitude humana, provoca um certo desconforto, pois sentimos essa mesma finitude, o inevitável, a certeza de que um dia a vida chega ao fim.

O objectivo da presente pesquisa é o aprofundamento teórico da questão da morte, focando a maneira pela qual o homem lida com este fenómeno humano inevitável, percebendo os mecanismos psicológicos que entram em acção quando o homem se encontra diante da morte.

O indivíduo vai mudando ao longo da sua vida, desde bebé a criança, de adolescente a adulto, passando a “primeira transição adulta” entre os 17 e os 20 anos, e todas estas mudanças implicam investimentos pessoais e emocionais profundos. No período da “meia – idade” começa a assistir-se ao início do envelhecimento, aí surgem novas perturbações e apreensões relacionadas com a morte. O homem de meia – idade tem a sensação mais profunda da própria mortalidade e da morte iminente dos outros.

A finitude da vida humana é algo que assusta. Há uma luta constante contra esse fim. Já nascemos lutando, pois ao nascer o indivíduo já está condenado a morrer. Só não se sabe quando isso irá acontecer e essa ansiedade perante a morte persegue-nos durante toda a vida.

Este trabalho está estruturado em duas partes; uma primeira parte incide sobre a conceptualização teórica da questão em estudo, um primeiro capítulo sobre a questão do Envelhecimento, os seus problemas e desafios, a realidade e os factos do processo de institucionalização; um segundo capítulo sobre a Morte e o Morrer onde se pretende analisar o impacto da morte na sociedade através do tempo, mostrando como diferentes povos em diferentes épocas lidavam com essa questão, assim como as diferentes teorias existentes sobre a ansiedade perante a morte; finalmente, um terceiro capítulo sobre o conceito de Imortalidade Simbólica e os factores de redução da ansiedade perante a morte. Na segunda parte do trabalho, de acordo com o objectivo delineado apresenta-se o método de investigação desenvolvido, prosseguindo-se posteriormente com a análise dos resultados. Por último é apresentada a discussão e conclusão da presente investigação.

Capítulo I – Envelhecimento - problemas e desafios

*Os frutos da árvore são mais saborosos quando
estão a acabar (Séneca)*

1. O estado da arte: envelhecimento - problemas e desafios

A velhice é frequentemente uma realidade temida e mal vivida pelos que a experimentam. A longevidade é uma bênção ou um “suave veneno”, um dom ou um “presente envenenado”? A velhice nunca vem só, e pode trazer muitos problemas para os próprios idosos, para os familiares e para a sociedade em geral (Oliveira, 1999). As estratégias para a tentativa da sua anulação são múltiplas. Existem aqueles que a desconsideram ou desprezam, outros recusam-se a reconhecer as suas alterações físicas. Em ambas as versões opera uma atitude de desidentificação.

O envelhecimento está a tornar-se um dos problemas mais importantes das sociedades contemporâneas. A população envelheceu rapidamente e o número de pessoas idosas não deixa de aumentar, enquanto não cessa de decrescer o número de indivíduos jovens. Este novo fenómeno acarreta uma série de problemas e desafios para as sociedades contemporâneas, contudo, nesta linha de pensamento tem-se a impressão de que o envelhecimento da população tende a ser encarado muito mais como uma ameaça do que como um desafio.

De algumas décadas a esta parte, registaram-se, nos países desenvolvidos, drásticas modificações na estrutura da população. Aumentou, por um lado, a esperança de vida à nascença e diminuiu, por um lado, a taxa de natalidade. Apenas com referência ao nosso País, em 1960, 29% da população residente em Portugal tinha menos de 15 anos e 8% tinha 65 ou mais anos. Em 1995, seguindo a tendência europeia, e graças à diminuição da natalidade e ao aumento da esperança de vida na velhice, os jovens com menos de 15 anos já eram apenas 18% e os idosos 14%. As projecções do Instituto Nacional de Estatística prevêem que em 2035 o número de idosos varie entre 23 e 26% da população residente em Portugal. Para 2015 estima-se a existência de cerca de 1.760.000 portugueses com 65 anos ou mais, e em 2020 serão cerca de 1.830.000 (Oliveira, 1999).

Segundo o Instituto Nacional de Estatística, em 2006, o Índice de envelhecimento voltou a aumentar, passando de cerca de 110 idosos por cada 100 jovens em 2005 para 112 em 2006, traduzindo o envelhecimento populacional (I.N.E., Internet, 10/04/08). Ainda segundo dados do I.N.E, em Setembro de 2007, a população com 80 e mais anos de idade aumentou 35% entre

1990 e 2006. Nos próximos 25 anos o número de idosos poderá ultrapassar o dobro do número de jovens.

Temos, então, uma população idosa que já supera, e cada vez excederá mais, a população juvenil (0-14 anos); uma população idosa, que já é bastante idosa, e cada vez o será mais.

Os marcadores – chave da transição para o último estágio da vida são a reforma e/ou os primeiros sintomas de uma grande incapacidade física. Encontramos nas nossas sociedades a reforma como marco da entrada na velhice, associando-se a velhice à falta de ocupação, à inutilidade. O idoso tem que se confrontar com uma série de perdas inevitáveis, como, a perda do papel profissional mediante a reforma, de relações significativas por morte, de saúde, de rendimentos e de independência (Neto, F., 1999).

Nesta fase da vida, o desespero, expressa o sentimento de que o tempo é curto para recomeçar uma outra vida e experimentar rumos diferentes para a integridade. A morte não é aceite, quando não é aliada a uma visão de outra vida, há um sentimento enorme de repulsa por si próprio e pelos outros.

Para além das pessoas idosas se confrontarem com estas perdas, podem muitas vezes confrontar-se com idadismo, ou seja, preconceito e discriminação contra os idosos assentes em crenças negativas sobre o envelhecimento. Muitas vezes, são tratados como um grupo, tacanho de espírito, não muito espertos, sem interesse sexual, e pouco hábeis em fazerem coisas (Neto, F., 1999). “A sociedade não facilita, este período e, muitas vezes, a confrontação com a diminuição dos poderes físicos, intelectuais e sociais leva o indivíduo não à integridade, mas ao desespero” (Costa, M., 1992, obra citada, p.39).

A aquisição de novos papéis sociais e familiares e adaptação a estes, com perda de outros, impele para uma redefinição do significado da vida e da própria morte. Por exemplo, o ser-se avô/avó pode constituir uma fonte de grande prazer, dando um sentimento de utilidade e assegurando a existência para além da morte, através dos ensinamentos e recordações, e ainda o recordar do passado certificando a continuidade transgeracional.

Tudo isto influencia a auto-imagem e, conseqüentemente, a análise que é feita a toda a história de vida. O processo de aceitação do passado pode ser, assim, um desafio pessoal difícil, já que é preciso incorporar as áreas de fracasso, as crises e desapontamentos sem se ficar submerso por um sentimento de inadaptação, salientando-se as áreas de sucesso ainda que estas conquistas fiquem muito aquém das expectativas iniciais (Newman, B.; Newman, P., 1991).

As alterações biológicas e psicológicas devidas ao envelhecimento ocorrem habitualmente de forma gradual, ao longo dos anos ou décadas, e, em consequência, não existem uma idade determinada em que as pessoas possam ser consideradas velhas. É prática comum designar as pessoas com mais de 65 anos de idade como “velhas” (Spar, J., 2005). Não podemos esquecer que os indivíduos podem envelhecer mais rapidamente nalgumas dimensões do que noutras, isto é, ser “velho” fisicamente mas mais jovem psicológica ou socialmente.

As alterações cognitivas que ocorrem com o envelhecimento afectam um amplo espectro de funções. Porém, muitas das diferenças em aptidões específicas podem ser ligadas a declínios em 3 recursos fundamentais do processamento cognitivo; a velocidade a que a informação pode ser processada, a memória de trabalho e as capacidades sensorial e perceptual (Park, 1999; cit. por Spar, J., 2005).

Segundo Newman & Newman, 1991; podem existir muitas respostas a esta fase. Alguns indivíduos tornam-se deprimidos ao reexaminarem o passado e resignam-se a um futuro de infelicidade onde as doenças, mortes e conflitos pessoais do passado se tornam preocupações dominantes, de tal forma que nenhuma experiência presente é capaz de compensar esse sentimento.

Outros indivíduos tornam-se rigidamente “auto-confiantes”, concebendo a sua vida como um exemplo para os mais novos, mostrando-se incapazes de tolerar qualquer perspectiva de fracasso. Para proteger a sua auto-estima rejeitam qualquer dúvida, demonstrando uma aparência de total confiança em si próprios. Um outro tipo de resposta consiste em aceitar as áreas de desilusão ou crise, mas perspectivando-as com o sucesso pessoal, o que pode originar uma análise global da vida, desenvolvendo uma atitude mais flexível sobre a própria história de vida.

De acordo com vários autores, entre os quais Newman & Newman, um aspecto central da velhice são os pensamentos sobre a morte, intensificados pela morte de familiares e amigos, e pela perda das capacidades físicas e mentais. A aceitação da própria morte pode tornar-se mais difícil com a mortalidade dos elementos do grupo social, uma vez que, para além de confirmar a sua inevitabilidade, o isolamento tende a ser maior, diminuindo a possibilidade dos valores e normas sociais.

Na opinião de Wisocki & Averill, 1987, na terceira idade a experiência afectiva do luto tende a ser mais “suave” comparativamente com os mais jovens, mas traz consigo maiores problemas psicossomáticos, como dores, perturbações gastrointestinais, insónias e, muitas vezes, é acompanhada por sentimentos de inadaptação ou perda do sentido da vida. Outras respostas também comuns podem ser a apatia, o auto-isolamento ou a idealização do falecido, embora a religiosidade possa minimizar os efeitos do luto.

2. Institucionalização: da realidade e dos factos

Um número considerável de estudos suporta a opinião de que entrar numa instituição pode envolver uma redução no bem-estar (Cerrato & Trocóniz, 1998; Smith et al., 2001).

Hayslip e Panek (cit. por Simões & Neto, 1994) apontam para relações entre o medo da morte e a institucionalização. Segundo Simões & Neto (1994), os indivíduos institucionalizados são mais carenciados do ponto de vista dos recursos materiais e os mais desprovidos do ponto de vista dos laços de parentesco, em relação aos que não estão em instituições. Sendo também os que evidenciam maior número de perdas interiores (diminuição das capacidades, etc.) e exteriores (parentes, amigos, etc.).

Os medos face à morte são mais frequentes nas pessoas que estão em instituições do que naquelas que têm o privilégio de morrer em sua casa no meio dos seus (Berger, 1995).

Nesta situação, o mais aterrorizante para a maioria das pessoas é a ideia de estar só, de ter de enfrentar o desconhecido com pouco ou nenhum suporte familiar, pois, no fundo, o morrer institucional inclui o despojamento de tudo o que é significativo (Kubler-Ross, 1996).

Assim, parece que ser institucionalizado corresponde a valores relativamente altos de ansiedade perante a morte em idosos (Fortner et al., 2000). No mesmo sentido, existem evidências que apontam para que os idosos acima dos 80 anos, quando estão em casas de saúde ou lares, revelam medo da morte quando o fim da vida está por perto (Cicarelli, 2003).

Será talvez actualmente impossível pensar a morte num contexto familiar, como aconteceu noutras épocas na nossa sociedade. No entanto, se de facto o morrer institucional surge como a única resposta para a morte e o morrer, parece que ainda muito falta fazer para tornar as instituições locais adequadas para acolher as pessoas na última fase das suas vidas.

Capítulo II – A morte e o morrer

*Enquanto recordarmos e contarmos as histórias dos nossos mortos,
Eles não morrem.*

2.1. Universalidade e comunalidades: perspectivas onto-epistemológicas

La Rochefoucauld dizia que para o Sol e para a Morte não se podia olhar de frente. Desde então, os astrónomos, com os ardis infinitos da sua ciência – de todas as ciências –, já pesaram o Sol, já lhe calcularam a idade, já lhe anunciaram o fim. Mas a ciência ficou como que intimidada e tremente perante o outro sol, a Morte. Continua a ser verdadeiro o comentário de Metchnikoff: “ A nossa inteligência, que se tornou tão ousada e tão activa, mal se tem dedicado à morte” (Morin, 1970).

Morrer é um facto no ciclo vital e um profundo enigma. Desde sempre que o homem tem manifestado interesse pelas questões relacionadas com o morrer, tentando compreendê-la e até mesmo controlá-la. Contudo, os vivos nunca compreenderam a fundo a morte, esse conceito obscuro que se foi construindo em torno da morte, do envelhecimento, da agonia e do cadáver do homem. Todos os grupos humanos, mesmo os mais “arcaicos”, se confrontaram com um fenómeno tão inevitável e impenetrável. A morte foi sempre tema actual, porque faz parte da vida e o pensar nela pode dar mais qualidade à própria vida, aventura grandiosa e ao mesmo tempo tão frágil (Oliveira, 1998).

No entanto, a morte continua envolta em mistério e as incessantes tentativas do seu controlo revelaram-se muitas vezes ineficazes, pois a morte continua a fazer parte integrante da vida (Phipps, 1999). Para que o homem tenha uma presença plena no mundo é necessário que reflecta sobre a sua própria morte. A questão da morte, como nos diz Kubler- Ross (1992) é central na existência humana. Se nós soubermos dar conta de que nada é permanente viveremos a vida ao máximo.

Apesar do seu carácter universal, natural e quotidiano, a morte tornou-se num tema actual, o inesgotável problema fundamental da condição humana, o limite para o qual as sociedades e culturas humanas têm procurado e sugerido respostas.

Só o homem tem consciência da morte, e desde os primórdios da sua existência que começou a construir túmulos e a prestar culto aos mortos. A morte é tema tão antigo quanto o

homem, versado nos mitos e religiões, na teologia, na literatura, na filosofia antiga e moderna (Oliveira, 1998).

Mas o tabu continua e o que tradicionalmente era uma cerimónia pública e colectiva, passa a ser confinado ao quarto do hospital, impessoal, longe, na maioria das vezes, dos familiares e dos amigos mais chegados. Esta *morte higiénica*, confinada às instituições de saúde não é só fruto da crença alargada nos profissionais de saúde, ou no interdito que Áries (1974) apresenta como uma poupança ao incomodo e a emoções fortes e insustentáveis, mas certamente estão implicadas mudanças profundas no contexto familiar, que terão feito por exemplo do “envelhecimento um problema”, e da morte uma realidade demasiado penosa para o conjunto de solicitações a que a família nuclear, sujeita a constrangimentos de ordem sentimental e económica, teve que dar resposta.

Esta “exclusão” da morte, tornada uma coisa quase “clandestina”, no dizer de Ariès, constitui uma das características mais relevantes da sociedade contemporânea, em grande parte um legado do marxismo que sempre rejeitou o discurso sobre a morte, sentindo-se desarmado perante tal realidade (Oliveira, 1998).

No seu livro *História da morte no Ocidente*, o historiador francês Philippe Ariès (1914-1984) mostra que a atitude do homem diante da morte mudou muito ao longo dos séculos e que a forma como ela é hoje encarada é, na verdade, muito recente. Em todas as culturas, passadas e presentes, criaram-se formas de expressar as ideias, sentimentos e atitudes desencadeadas pela morte. Para Morin (1976), a consagração que o Homem faz aos mortos é um dos aspectos fundamentais que o distingue dos outros seres humanos. As primeiras sepulturas, ainda que muito primitivas, foram um passo importante no processo de hominização.

As práticas fúnebres foram evoluindo, passando a ter a finalidade de garantir a humanidade do defunto, impedindo que ele retome ao mundo dos vivos. O horror da morte encerra em si o horror da perda de identidade. Ao olharmos a morte estamos a olhar para nós

próprios. O homem, não compreendeu que o mistério não era a morte, mas a sua atitude para com esta. É necessário bater à porta do homem antes de bater à porta da morte (Morin, 1970).

Segundo Áries (1977, 1988), até à Idade Média a morte faz parte do ciclo natural da vida, e excepto nos casos de morte súbita ou situações terríveis como foi a peste, os sujeitos sabem com antecedência que o seu fim está próximo. Ao pressenti-la, o moribundo recolhia-se ao seu quarto, acompanhado por parentes, amigos e vizinhos. O doente cumpria um ritual: pedia perdão pelas suas culpas, legava os seus bens e esperava a morte chegar.

Não havia um carácter dramático ou gestos de emoção excessivos. O corpo era enterrado nos pátios das igrejas – que também eram palco de festas populares e feiras. Mortos e vivos coexistiam no mesmo espaço. A partir de 1231 foram proibidos jogos, danças e feiras nos cemitérios: começava a ser incómoda a proximidade entre mortos e vivos. As sepulturas, anónimas até o século XII, passaram a ser identificadas por inscrições e retratos; era importante preservar a identidade mesmo após a morte.

A morte é então encarada como sendo parte do ciclo normal de vida, e o ritual fúnebre como um acto para realçar um sentimento de solidariedade entre o defunto e os restantes vivos. Para reforçar o facto de a vida não ser um acto individual, e que a morte não é um drama individual. Assim se conclui que até à Idade Média, o momento da morte era um momento público, aberto a toda a comunidade, era aceite com naturalidade quer pelo próprio como pelos que cá ficavam. Apesar disto, a morte era encarada com grande horror, e a cerimónia servia para impedir os mortos de voltar e perturbarem os vivos.

A partir da Idade Média esta atitude foi-se alterando, e tornando-se algo mais dramático. Começa a dar-se mais importância ao indivíduo em vez de ao colectivo. Surge a crença que o moribundo antes da morte vê-lhe passar à frente toda a sua vida, e isso é que vai decidir o destino da sua alma.

“ (...) persistindo até ao século XIX, a solenidade ritual da morte tomou, a partir do final da Idade Média, entre as classes instruídas, um carácter dramático, uma carga emocional que antes não possuía” (Áries, 1988)

Este movimento inicia-se nas classes sociais mais elevadas, onde a relação entre o eu e os outros é distinta e onde a crença na imortalidade da alma começa a ser mais séria, existiria um julgamento da alma após a morte, e deste julgamento se decidiria se a alma iria para o paraíso ou para o inferno. O relacionamento humano começa a mudar, um maior investimento nas relações entre pais e filhos. A temática da morte aumenta a sua importância atribuindo uma maior e crescente fragilidade à vida, sendo sentida como injusta e presente no dia-a-dia.

No final da Idade Média, e altura do Renascimento, as representações da morte através da arte aumentam. Demarca-se a diferença entre vivos e mortos, entre sexo e morte. E começa-se a assistir a uma erotização da morte através da literatura, poesia, música, onde vemos surgir uma grande preocupação em ser-se enterrado vivo.

Com o aumentar das cidades, os cemitérios começam a enquadrar-se dentro delas, os mortos entram no quotidiano dos vivos, começam a colocar-se sérias questões de higiene que contribuem para uma nova visão da morte. Surgem então os cemitérios tal como os temos hoje.

Em meados do século XIX, com o desenvolvimento tecnológico, o Homem vai tentando prolongar a vida, temendo cada vez mais a morte. A família passa a ter um papel mais importante, e o medo da morte do outro esconde o medo da própria morte, e esta passa a ser vista como repugnante. Um outro aspecto, é o papel que os hospitais começam a ter, tornaram-se importante pelas razões atrás referidas, como as questões sanitárias, e agora também pela ocultação do doente e/ou moribundo aos olhares da comunidade.

Esta é uma questão cada vez mais vista nos dias de hoje, uma das formas de fugir à morte, ou encará-la é torná-la um acto solitário, muito mecânico e desumano. O paciente é movido do seu ambiente familiar para ser transportado para uma sala de urgência onde se dá muita importância ao electrocardiograma, mas pouca ao paciente e ao seu sentir.

Tal como nos diz Fallowfield (1990), existe uma negação básica da morte procurando-a evitar a todo o custo, evitar o confronto com esta realidade como componente integrante da vida.

“As ciências do homem negligenciaram sempre a morte. Contentando-se em reconhecer o homem pelo utensílio (Homo faber), pelo cérebro (Homo sapiens) e pela linguagem (Homo loquax). Contudo, a espécie humana é a única para a qual a morte está presente durante a vida, a única que faz acompanhar a morte de ritos fúnebres, a única que crê na sobrevivência ou no renascimento dos mortos (idem).

Para Kan (1989), a morte presenteia a sociedade com um formidável problema, não só porque é uma ameaça óbvia à continuidade das relações humanas, mas também porque ameaça as assumpções básicas nas quais a sociedade repousa.

Segundo Carvalho, Moreira e Castanho (1982) a morte é a situação que melhor põe o homem perante a sua própria dimensão. As atitudes perante a morte foram mudando ao longo da história e reflectem e projectam a visão que uma dada sociedade tem sobre a vida. A atitude que desperta condensa uma visão global do mundo, a mais espontânea e objectiva possível, dentro do seu espaço sociocultural.

São muitos os conceitos que existem para definir este acontecimento inevitável e de difícil definição. Das mais variadas formas de definir morte, a mais comum é a perspectiva médico – legal ou biológica, sendo a cessação de toda e qualquer função vital inquestionável e irrecuperável (Valentim, 1990).

Mas, morrer é muito mais do que a imobilidade do músculo cardíaco e mais do que uma linha contínua no monitor. Morrer é deixar de sorrir, chorar, sonhar... é deixar de existir, de ver e ser visto, por todos os que nos amam... é deixar saudade da nossa existência. É esta dimensão da ruptura definitiva, própria da existência que nos leva à angústia e ao sofrimento.

Mas como diria Oliveira (1998), “na fragilidade da vida, refulge mais a sua grandeza” e “na iminência da morte, a vida deve ser saboreada em cada dia”. Entre as muitas razões por que o

tema da morte se foi impondo, é que ela pertence a todas as idades e condições, e está provavelmente na origem de muitos sintomas e doenças psíquicas, como as insónias, a depressão, manifestações psicossomáticas e talvez mesmo psicóticas (Oliveira, 1998).

A ansiedade e a angústia na espécie humana, nos primórdios da existência, amalgamam-se num secretismo inicial com a experiência de sofrimento (Figueiredo, 1998, pág.33). “A angústia é definida como um sentir falta de alguém a quem se ama e deseja; e que esta se manifestaria quando provocada por uma perda ou separação de figuras amadas, ou também a ameaça de que tal perda se concretize” (Freud, cit. In Bowlby, pág.85).

A aceitação da morte constitui certamente um dos maiores sinais de maturidade humana, daí a necessidade de uma educação sobre e para a morte, porque a morte, melhor do que ninguém, pode servir a vida. A morte apresenta muitos rostos, sendo percebida de diversos modos conforme as diversas épocas e culturas. Um dos temas mais versados estuda o medo e/ou a ansiedade face à morte, embora com resultados discordantes, devido a diversos factores, como a dimensão mais ou menos consciente ou inconsciente deste medo; as variáveis intermediárias que interferem na relação, como a idade, o sexo, a religião e outros traços de personalidade, bem como o tipo de instrumentos usados.

2.2. Ansiedade perante a Morte

Estas teorias têm subjacente, por um lado, o pressuposto de que o sentido da vida pode de facto ter influência, positiva ou negativa, na saúde mental dos indivíduos; por outro, que o sentido da morte pode de facto estar relacionado com o sentido da vida como veremos seguidamente no modelo de ansiedade perante a morte.

A morte tem associada assim um conjunto de conceitos muitas vezes utilizados indiscriminadamente, querendo significar o mesmo, tais como ansiedade e medo da morte (Neymeyer, 1988). De facto, os significados que cada conceito carrega são de todo distintos.

Podemos entender o medo da morte como algo específico e consciente e a ansiedade como algo mais generalizado e inacessível à consciência (Wong *e tal.*, 1994).

Entendemos a ansiedade perante a morte como “os pensamentos, medos, e emoções relacionados com o final da vida sobre as condições normais de existência” (Belsky, 1999, pág. 368). Tomer & Eliason (1996) definem-na como uma reacção emocional negativa provocada pela antecipação de um estado em que o Ego deixa de existir.

Segundo Wong (1995; 1998; 2000), as bases que fazem despontar a ansiedade perante a morte são:

a) a *finalidade da própria morte*. Ela é irreversível, é o cessar de tudo o que está relacionado com o mundo;

b) a *incerteza* de não saber o que acontece a seguir, e de facto a finalidade e a incerteza são uma potencial fonte de terror;

c) *medo de deixar de existir*. De facto parece complexo uma pedagogia centrada na vida ameaçada pela ideia de deixar de existir, deixar de viver, as perdas que ocorrem ou podem vir a ocorrer na vida, especialmente os entes queridos. De facto, somos colocados diante da inevitabilidade, diante de algo que nunca avaliámos, a dependência das gerações vindouras, os nossos pertences.

d) *medo da dor envolvida no acto de morrer e medo da solidão*. O medo do abandono de amigos, com dor é considerado dos maiores potenciais para a ansiedade perante a morte;

e) *medo de não completar os projectos de vida*. Muitas pessoas apresentam mais medo de uma existência sem sentido do que propriamente medo da morte, pelo facto de saberem que poderão não ter completado os seus projectos e de não desenvolver atempadamente algo significativo.

Estas bases constituíram o fundamento para o modelo integrativo e compreensivo da ansiedade perante a morte (Tomer & Eliason, 1996) e que pretendia integrar um conjunto mais vasto de estudos empíricos. Ao longo dos anos várias foram as teorias relativamente às perspectivas teóricas da ansiedade perante a morte na idade adulta, tais como, as *teorias de auto-realização (Self-Realization)* (Maslow, 1970; Rogers, 1959), as *teorias da procura de sentido* (Antonovsky, 1979; Frankl, 1963; Manddi, 1970; Taylor, 1983; Tompson & Janigien, 1988;

Yalom, 1980; Lifton, 1973, 1976), a *teoria do construto pessoal* de Kelly (1955), as *teorias da negação e ilusões positivas* dos freudianos e neo-freudianos (Freud, 1946; Becker, 1973), o *modelo dos dois factores da ansiedade perante a morte* (Gilliland & Templer, 1985; Templer, 1976), a *teoria da gestão do terror* (Rosenblatt *e tal.*, 1989), e a *teoria das ilusões do auto-controlo* (Taylor & Brown, 1988; Taylor *e tal.*, 1989).

Partindo de alguns aspectos destas teorias, Tomer & Eliason (1996) definiram um modelo integrativo e compreensivo de ansiedade perante a morte. Segundo este modelo existem três antecedentes imediatos da ansiedade perante a morte: *pesar relacionado com o passado*, *pesar relacionado com o futuro* e *significado da morte*.

O pesar relacionado com o passado refere-se a um conjunto de aspirações das pessoas que deveriam ter sido alcançados, mas ainda não o foram; o pesar relacionado com o futuro refere-se à antecipação da ideia de que a morte pode vir a ocorrer sem que se tenham atingido os objectivos que se tinham estabelecido, por último o sentido da morte refere-se ao conceito de morte e à capacidade ou habilidade que a pessoa tem para lhe atribuir um significado. Este significado da morte pode ser visto de forma multidimensional, segundo Cicirelli (1998), pode ter as seguintes formas; como um *legado* (permite ao homem realizar-se); uma *vida futura* (a morte não significa a extinção pessoal mas faz parte de uma felicidade suprema); *extinção* (significa a extinção pessoal, o fim dos sonhos); *motivador* (impele a pessoa para se realizar, permite dar sentido à vida).

Os antecedentes da teoria de Tomer & Eliason (1996), estão relacionados com a “saliência” da morte de modo complexo, e são mediados pelos *mecanismos de coping* (*processos de revisão de vida, planeamento da vida, identificação com a cultura e processos de auto-transcendência*) e pelos seus efeitos nas crenças relativamente à pessoa e ao mundo.

Os resultados obtidos em alguns estudos têm sido inconsistentes com as teorias que lhe estão subjacentes. Por exemplo, é de esperar uma relação entre a idade das pessoas e a ansiedade perante a morte, isto é, as pessoas mais velhas deveriam evidenciar valores mais elevados de ansiedade perante a morte (Kastenbaum, 1992), mas os trabalhos empíricos não o mostram de

forma clara; pelo contrário, encontra-se valores menores de ansiedade perante a morte em adultos mais velhos (Belsky, 1999; Neymeyer & Van Brunt, 1995; Neymeyer *e tal.*, 1985; Wong *e tal.*, 1994), do que em jovens e adultos na meia-idade. Mesmo as relações entre a ansiedade perante a morte e o estado de saúde parecem complexas, resistindo à ideia de que a severidade da doença sugere um aumento da ansiedade perante a morte (Neymeyer & Van Brunt, 1995).

Segundo o modelo de Tomer & Eliason (1996), a pessoa experimentaria mais ansiedade perante a morte quando sente muito pesar em relação ao passado (percepção de não ter realizado as suas aspirações), e mais pesar em relação ao futuro (a pessoa percebe a sua impotência para realizar os objectivos futuros). Finalmente, se o significado atribuído à morte for negativo então a pessoa experimentará mais ansiedade.

O modelo funciona então da seguinte forma; as circunstâncias da vida (doença grave, morte de entes queridos, trabalhar com a morte regularmente) fazem com que a morte se torne saliente (*saliência da morte*) com um efeito directo na ansiedade perante a morte, e a respectiva activação dos dois tipos de pesar e significado da morte (Tomer & Eliason 1996).

A saliência da morte pode ainda afectar o auto-conceito e baixar a auto-estima, com um aumento considerável da ansiedade perante a morte. Por outro lado, um aumento do sentimento da vulnerabilidade pode intensificar e desencadear processos de revisão de vida, planeamento de vida, identificação com a cultura e auto-transcendência (Tomer & Eliason 1996). O aumento ou diminuição da ansiedade perante a morte, dependerá de quão efectivos forem os processos protectores, neutralizando os outros efeitos produzidos pelo aumento da saliência da morte.

Uma pessoa que projecta no futuro os seus objectivos e projectos é uma pessoa que não pode ter medo da morte como algo que lhe negue esses projectos. Por seu lado, uma pessoa que não tem grandes expectativas do futuro sentirá menos pesar relacionado com o futuro em face de uma morte esperada. O pesar relacionado com o futuro constitui-se como uma resposta emocional à realização da pessoa, para que a pessoa cumpra os seus objectivos.

A relação entre o *pesar* e ansiedade perante a morte aparece na literatura como ansiedade perante a morte e auto-actualização. Neimeyer & Chapman (1980) verificaram que os sujeitos de uma amostra adulta heterogénea com menos actualização apresentam valores mais elevados de ansiedade perante a morte e de medo da morte. O que se mostra consistente com as teorias da auto-realização (Maslow, 1970; Rogers, 1959). Um princípio da psicologia humanista e existencial é de que um adulto actualizado não se sente ameaçado pela sua morte pessoal (Feifel, 1990).

Frank (1965) acredita que encontrar um significado para a vida remove o medo pessoal da morte e aumenta o seu bem-estar.

De acordo com a teoria psicossocial de Erikson, a pessoa no oitavo estágio sente que viveu uma vida plena de significado e aceita a morte. Esta pessoa não é só uma pessoa em paz consigo própria e com o mundo, mas uma pessoa que não deixou nenhum projecto importante por realizar, logo, será uma pessoa com um diminuído sentimento de pesar em relação ao futuro. Um outro conceito importante é a auto-estima, no modelo de Tomer & Eliason (1996), a auto-estima está relacionada com a ansiedade perante a morte afectando os dois tipos de pesar.

Em relação aos processos de coping podem ser vistos como mecanismos para lidar com a ansiedade perante a morte, mas esta é também uma relação complexa, a *revisão de vida* e *reminiscência* aplicam-se sobretudo na velhice, mas mesmo aí são inconsistentes (Ameron, 1972; Merriam, 1993). O *planeamento de vida* é outro processo, a redefinição dos objectivos de vida é essencial, nos casos de saliência de morte é necessário reorganizar os objectivos de vida, redefinir prioridades (Taylor, 1993).

A identificação com uma cultura é outro processo. De acordo com *teoria de gestão do terror* (Greenberg *e tal.*, 1986) os indivíduos são protegidos contra a ansiedade perante a morte com a perspectiva e visão do mundo culturais do seu grupo de pertença e valores associados.

Deve então “o homem persistir na busca de um sentido para a vida e para a morte, para não cair no niilismo e no absurdo” (Oliveira, 1998, pág. 35), para que a morte faça sentido.

2.2.1. Compreensão dos aspectos psicológicos face à morte na idade adulta – Teorias e Modelos

Existem, embora não muitas, algumas abordagens filosóficas sobre a morte que merecem uma breve revisão. Em primeiro lugar porque em psicologia a abordagem existencial e fenomenológica tem a sua origem em firmes bases filosóficas; em segundo produziram-se intenções ocasionais de usar descrições filosóficas da morte como modelos psicológicos e por último, tanto a perspectiva filosófica como a psicológica enfatizam a necessidade de “integrar” o dar sentido à morte.

A morte sempre preocupou os filósofos, logo nos filósofos gregos clássicos, como Platão e Aristóteles, encontramos duas visões diferentes do homem, e por conseguinte duas interpretações da morte (Oliveira, 1998). Platão defende a imortalidade da alma, enquanto Aristóteles vê o homem no seu conjunto como um ser mortal, composto de matéria e forma (hilemorfismo).

Outro pensamento clássico é o estoicismo, que vê a morte como nada “depois da morte tudo acaba, mesmo a morte”, diz o estóico Séneca. Feuerbach diz: “a morte é um fantasma, uma quimera, pois só existe quando não existe” (Oliveira, 1998).

Mais tarde, fins do século XVIII, afirma-se um novo pensamento sobre a morte, a imortalidade refutada no plano da razão pura, Kant imagina o direito e até a necessidade de admitir uma vida futura. Hegel tenta integrar a morte na razão, procurando compreender a sua função e necessidade.

Assistimos então a uma “crise da morte”, com Kant e Hegel praticamente está tudo dito a respeito da morte. Contudo, somos invadidos pela angústia da morte com Kierkegaard, que reintroduz a noção de pecado, onde anda disfarçada a noção de morte.

Com Marx “a morte aparece como uma dura vitória da espécie sobre o indivíduo e uma contradição da sua unidade” (Zucal, 1982, cit por Oliveira, 1998). Em Marx encontramos uma

“morte social”, um “morrer cotidiano” a que o proletariado é sujeito pelos padrões opressivos, sentindo-se o homem “alienado”. Os neo-marxistas procuraram novos caminhos, não se contentando com uma interpretação unicamente “social” da morte.

É com o existencialismo contemporâneo que a morte é mais levada a sério, não apenas teoria, mas como existência concreta do homem mortal, que tem de conviver com a angústia do morrer.

O autor mais representativo do existencialismo é Heidegger, é conhecido pela sua afirmação, contida no *Ser e Tempo*, de que o Ser (Dasein) é a liberdade para a morte. Dasein significa “ser” ou “estar” “ai”, “ser-em”, não no sentido espacial mas em relação ao mundo como totalidade, conjunto das possibilidades do ser.

O homem é um “projecto” ou “existência” que, embora vivendo no presente, se projecta continuamente no futuro, sempre rodeado pela angústia de ser um “ser” no “tempo”, sempre ameaçado pela morte (Oliveira, 1998).

“O efeito de dar-se conta da incapacidade de converter-se num ser pleno provoca o estado mental chamado de ansiedade” (Wong; Reker; Gesser, 1994).

O homem é “um ser para a morte”, e por isso “um ser para o fim”, um ser que vai morrendo enquanto existe. O Dasein é desde sempre o seu “ainda não”, a sua morte. Por isso o seu acabar não é um “estar no fim”, mas um “ser para o fim”. A morte não vem do exterior, mas está dentro do próprio homem, faz parte da sua essência, é “a possibilidade da impossibilidade absoluta da existência” (Oliveira, 1998).

A posição de Heidegger implica que a morte é, por um lado, uma ameaça; a ameaça da não existência. Por outro lado, de acordo com ele, dá conta da futura não existência, é a condição prévia para o entendimento pleno da vida, e finalmente, uma condição prévia para nos libertarmos da ansiedade (Wong; Reker; Gesser, 1994).

Segundo Heidegger, a medicina e a tecnologia travam uma luta contra a morte, tentando prolongar quanto possível a vida ou mesmo um dia evitar a morte. Mas é necessário pensar a morte positivamente, ler a palavra “morte” “sem negação” para que o homem se encontre a si mesmo e se dê conta de que é um “ser - mortal”. Somos “mortais” porque “podemos morrer, porque temos consciência da morte e a podemos assumir. A morte exalta a vida, dá-lhe autenticidade.

Jean – Paul Sartre, na interpretação da morte, encontra-se quase no pólo oposto a Heidegger. Para Sartre a morte impede que uma pessoa realize as suas próprias possibilidades. Sartre considera a morte um absurdo, esta reduz a própria existência a uma “paixão inútil”. A morte significa “uma total expropriação”, destrói a existência que é projecto e que, devido à morte, aparentemente não se pode realizar (Oliveira, 1998).

Certamente a morte não podia deixar de ser para Sartre mais do que um absurdo, como o é a vida, ainda mais absurda precisamente devido à morte. Assim, a reflexão sobre a morte é a reflexão sobre a falta de significado da existência. Portanto, parece que se deve predizer uma ansiedade antes da morte mais alta quanto mais tempo se teima em pensar nela.

Neimeyer e Chapman ofereceram uma interpretação mais positiva do pensamento de Sartre, em o Ser e o Nada, de que a morte reduz a cada um a sua própria essência, que é o seu passado, ou o que alguma vez tenha sido. Dado isto, uma pessoa que tenha realizado em grande medida os seus projectos vitais é menos provável encontrá-la ansiosa, em relação a uma pessoa cujos projectos ainda estão ou permanecem incompletos (Neimeyer & Chapman, 1980).

No que diz respeito às Teorias Psicológicas, várias tem sido as perspectivas teóricas da ansiedade perante a morte na idade adulta, desenvolvidas ao longo dos últimos anos. Uma delas é a Teoria de auto-realização, segundo Maslow, a pessoa autoactualizadora, indivíduos que estão mais motivados a realizar as suas potencialidades, tem entre outras características uma maior aceitação de si mesmo, uma ansiedade mais baixa e um medo da morte mais baixo.

O indivíduo tem necessidade de afecto e apoio de outros seres humanos, o que é uma necessidade de consideração positiva. A necessidade de autoconsideração desenvolve-se quando o indivíduo aprende a experimentar a consideração positiva em relação às suas próprias experiências e independentemente das transacções com outros seres significativos. Neste processo o indivíduo começa a evitar a procura de experiências próprias porque, as discrimina como mais ou menos dignas de autoconsideração. Neste momento, diz-se que o indivíduo adquiriu “condições de valia” uma espécie de “valores interceptados” que reflectem a evolução das próprias experiências e o fim da sua contribuição à autoconsideração. O sujeito protege-se das experiências que percebe que não encaixam em condições de valia.

Segundo a “teoria da pessoa que funciona plenamente”, esta não tem “condições de valia”, não necessita de usar defesas e está completamente aberta às experiências (Maslow, 1968; Maslow, 1970; Rogers, 1959).

Analisando-se a ansiedade perante a morte à luz dos conceitos de defesa de Rogers e da sua teoria sobre a pessoa que funciona plenamente; estar vivo pode-se considerar uma condição de valia fundamental para as pessoas que estão distantes do ideal teórico. Igualmente, a consciência acerca da morte ameaça estes sujeitos, que se projectam mediante as distorções e a negação. Com efeito, para uma pessoa que funciona plenamente; onde existe uma harmonia perfeita entre as experiências pessoais, a tendência actualizadora geral, autoconceptualização, a necessidade de consideração e autoconsideração positiva; a morte pode ser uma experiência interessante (Rogers, 1980).

Uma outra teoria é a Teoria do constructo pessoal de Kelly, segundo esta, uma pessoa constrói os acontecimentos para poder antecipar o nível temático de acontecimentos similares no futuro (Kelly, 1955). Para formular os construtos o sujeito abstrai alguns aspectos destacados em que os elementos, coisas, pessoas, acontecimentos, entre outros, são similares e diferentes, desenvolvendo gradualmente um conjunto de crenças hierarquicamente organizado.

A morte pode-se considerar como uma estrutura nuclear alternativa que é incompatível com a estrutura actual. Em função das próprias crenças pode-se antecipar uma mudança mais ou

menos séria. Define a ansiedade como “o fora da gama de conveniência do sistema de construtos do sujeito” (Kelly, 1955). A morte pode considerar-se como um acontecimento que é difícil dar sentido. Supõe-se que este elemento não se considera baixo à estrutura existente e deveria sobreviver à ansiedade. A dificuldade de conceber a própria morte deveria ir acompanhada de uma maior ansiedade.

Neimeyer e os seus colegas (Neimeyer, Bagley & Moore, 1986; Neimeyer & Moore, 1989) realizaram um trabalho adicional que estuda sistemas de crenças relacionadas com a morte desde um ponto de vista estrutural ou de conteúdo. Em particular, o Teste de Atitudes Perante a Morte (TAM), baseado na técnica da grelha de Kelly, mede a maneira em que os sujeitos valorizam situações relacionadas com a morte em quinze escalas realizadas pelos mesmos sujeitos.

A teoria de Kelly também descreve diferentes formas de reduzir a incompatibilidade entre subsistemas (por exemplo, dilatação versus construção), que são de interesse no contexto da ameaça antes da morte.

Encontramos alguns modelos teóricos e abordagens que assumem que as pessoas não-de proteger-se a si mesmas do espectro da morte usando repressões e ilusões e/ou que os sistemas simbólicos são formas eficazes de criar e manter a ilusão da imortalidade. A noção de ilusão é porventura coerente com algumas perspectivas sobre a imortalidade simbólica, de acordo com as quais uma pessoa encontra um antídoto para o seu terror da morte na identificação do sistema cultural (Becker, 1975).

Entre vários modelos teóricos encontramos os seguintes; o modelo dos dois factores da ansiedade perante a morte, que nos diz que a ansiedade perante a morte é determinada por dois factores; um factor reflecte a saúde psicológica global, tal como a colocam na manifestação das medidas de ansiedade e depressão geral. O segundo factor reflecte experiências vitais específicas que têm a ver com o tema da morte. Gilliland & Templer (1985 – 1986) pensaram que o primeiro factor representa a ansiedade perante a morte (provavelmente num sentido restricto), enquanto que o segundo factor representa “claramente” o medo da morte.

A Teoria da gestão do terror (Rosenblat, Greenberg, Soloman, entre outros, 1989) que se baseia na obra de Becker, supõe que os sistemas culturais têm uma função amortizadora frente à nossa consciência de vulnerabilidade e mortalidade. Os sistemas culturais promovem concepções do mundo entendido como um lugar justo e prometem a imortalidade “simbólica” através da identificação com o sistema e a imortalidade “real” através da religião. O modelo refere que o aumento da autoestima dos sujeitos deveria permitir experimentar menos ansiedade na resposta a estímulos ameaçadores, como imagens de vídeo sobre a morte. Refere ainda que converter a morte em algo mais visível para os sujeitos, os motivará a responder de maneira especialmente positiva para que as pessoas que defendem valores culturais e de maneira especialmente negativa para os que os violam.

Uma outra teoria dá pelo nome de Teoria das ilusões do auto – controlo, de acordo, com a visão geral apresentada por Taylor e outros investigadores (Taylor & Brown, 1988; Taylor, Collins, Skokan & Aspinwall, 1989), a maioria das pessoas desenvolvem e mantêm ilusões positivas no respeito a si mesmas, o mundo e a sua habilidade para controlar o presente e o futuro. Estas ilusões positivas distinguem-se dos mecanismos de defesa e promovem um ajuste psicológico.

As pessoas podem reconhecer o inevitável da sua própria morte e assim considerá-la como um acontecimento que pertence ao futuro remoto, sem nenhuma relevância para o presente. As ilusões positivas relacionadas com a própria morte parecem implicar uma estrutura do tempo pessoal, assim como a crença num controlo elevado. A evidência empírica sugere que os indivíduos que têm ansiedade antes da morte utilizam como estratégia adiar a morte (Neimeyer, Bagley & Moore, 1986), tendo uma expectativa da vida alta; enquanto que as pessoas que têm baixa ansiedade apresentam uma orientação mais pronunciada acerca do presente (Vargo & Batser, 1981) elicitando os seus projectos vitais para cobrir o futuro imediato, mas não remoto.

A teoria das ilusões positivas prediz que a ansiedade antes da morte correlaciona negativamente com o locus de controlo interno e positivamente o locus de controlo externo. Poderia aplicar-se a teoria das ilusões positivas à ansiedade perante a morte, teoricamente uma pessoa que usa mecanismos de defesa para combater a ansiedade perante a morte tende para um nível alto de ansiedade inconsciente antes de si mesma. Por outro lado, a teoria das ilusões

positivas supõe a existência deste tipo de ansiedade. Além disso, posto que as ilusões são crenças, podem se conseguir numa compreensão mais profunda das diferenças inter e intraindividuais investigando os sistemas de crenças dos indivíduos implicados e das trocas entre os sistemas.

Finalmente, encontramos a Teoria psicossocial do desenvolvimento de Erikson (Erikson, Erikson & Kivnick, 1986), que proporciona uma ampla visão do desenvolvimento antes da morte na vida adulta e ao destino final da luta contra a ameaça da morte.

A pessoa que, na última fase: integridade versus desespero, vê a sua vida como um todo significativo resolverá positivamente as suas crises. Na formulação de Lifton (Lifton, 1979), esta pessoa alcança a imortalidade simbólica. Contrariamente, a pessoa que vê a sua vida inteira como vivida equivocadamente ou mal vivida mostrará um medo da morte alto.

A conjugação entre as sete e oito fases sugerem uma dinâmica interessante: a ansiedade antes da morte tem um efeito causal na hora de produzir a crise de uma fase cuja resolução positiva permite passar à fase seguinte. Uma resolução positiva nesta última etapa irá presumivelmente ser acompanhada de um medo da morte mais baixo. Todavia, como Meacham (Meacham, 1989) menciona, não é claro se Erikson crê que uma resolução positiva da última fase representa um estado ou se existe um lutar continuamente para manter a própria integridade e um nível baixo de medo.

Esta teoria é coerente com os recentes descobrimentos sobre o conceito de si mesmo e as suas motivações básicas, que inclui a necessidade de auto – estima e consistência pessoal (Breyspraak, 1984).

A última fase de integridade versus desesperança enfatiza a necessidade de consistência pessoal. Na última fase, o si mesmo tende a perder os seus limites (que agora se concebem como arbitrários), segundo Erikson (1959), fenómeno da “disfunção da identidade”. Tanto a integração como a realização do si mesmo desinteressado podem-se conceber como diferentes abordagens para “resolver” o problema da morte pessoal.

2.3. Atitudes perante a morte - «o modelo de aceitação»

A forma como cada um de nós conceptualiza a morte influencia na Ansiedade Perante a Morte, a sua compreensão pode ajudar a reduzir a ansiedade mas o contrário pode resultar num aumento considerável da ansiedade.

Wong et. al. (1994) conceberam um modelo de atitudes perante a morte, por vezes designado de Modelo de Aceitação da morte, e que inclui cinco componentes: o medo, o evitamento e as três componentes de aceitação; aceitação neutral, aceitação como aproximação e aceitação como escape.

A aceitação neutral compreende a morte como uma parte integral da vida. Não se tem medo nem se deseja a morte, simplesmente se aceita como mais um facto da vida e o objectivo é tirar o melhor proveito da existência, ou seja, implica uma atitude ambivalente ou de indiferença. Frank (1965, cit. por Loureiro, 2004) acredita que encontrar um significado para a vida remove o medo pessoal da morte e aumenta o bem-estar.

A aceitação como aproximação implica o acreditar numa vida feliz depois da morte, como o modo religioso de Lifton (1974) em que as crenças religiosas e a religiosidade incluem a noção de que a morte pode trazer a paz e harmonia com Deus. Estudos mostram que as pessoas com mais empenho religioso acreditam mais na vida depois da morte e tendem a mostrar menos medo da morte (Jeffers et. al., 1961).

Verifica-se assim que a crença na vida depois da morte roda em torno da religiosidade, ou seja, podemos deduzir como hipótese que os indivíduos religiosos apresentam menor ansiedade perante a morte.

Finalmente, na aceitação como escape a morte não é olhada como algo de bom, mas sim como um aspecto trágico da existência. Quando a vida se torna algo de miserável e de sofrimento, a morte pode vir a tornar-se uma melhor alternativa. Vernon (1972) sugeriu que o medo de viver sob determinadas condições pode ser maior que o medo da morte.

Quando as pessoas vivem situações de dor e sofrimento intenso, a morte parece tornar-se como o único escape.

Capítulo III – Imortalidade simbólica

Sobre o Morrer

Morrem certas vontades
Mas nascem outras dentro de mim

Morrem certas capacidades
Mas nascem outras dentro de mim

Morrem certas possibilidades
Mas nascem outras dentro de mim

Morrem certos desejos
Mas nascem outros dentro de mim

Morre o meu corpo
Mas deixo muitas coisas
Que nasceram dentro de mim
(Guite)

3. Factores de redução da ansiedade perante a morte

3.1. O modelo de imortalidade simbólica

O indivíduo, enquanto vivente, condenado à morte pela ordem natural, procura em si e fora de si, uma defesa contra a angústia existencial insuportável, evocada pelo vazio e finitude da vida. O sentimento de imortalidade simbólica, apresenta-se em relação directa com a importância que assume para nós humanos a preservação da espécie, onde jogamos a nossa sobrevivência (Figueiredo, 1993).

O Sentimento de Imortalidade Simbólica pode ser definido como o sentimento de permanecermos mesmo após a nossa própria morte, na lembrança de amigos e familiares, nas obras e trabalhos que realizámos, ao sermos parte integrante da natureza que nos rodeia, através das crenças religiosas e místicas; enfim, daquilo que somos e fomos para nós mesmos e para os outros. Este sentimento permite uma continuidade que perdura através do tempo e do espaço enquanto a nossa influência, de alguma forma, se fizer sentir nos outros.

Ele pode ser entendido como aquilo que dá sentido à vida e que permite uma defesa contra a ansiedade perante a morte, tendo existido ao longo das culturas e sociedades e em cada sujeito, de uma forma única e particular, uma vez que o homem sempre se preocupou com o significado da vida e temeu a morte.

Esta imortalidade simbólica não é apenas projecto individual, mas faz parte do processo de socialização e da própria sobrevivência em grupo, no projecto histórico colectivo. Assume-se como a procura de um sentido para a vida, inscrevendo-se por um lado na esperança no futuro, na manutenção da cultura e dos saberes adquiridos pela espécie humana, contracenando com o absurdo da própria existência humana. O homem apresenta uma identidade simbólica que o destaca nitidamente da natureza, onde ele se apresenta com um eu simbólico, uma criatura com um nome, com uma história de vida e com autoconsciência (Becker, 1995).

A função simbólica da imortalidade apresenta no seu sentido mais imediato, um forte complemento no sentido de um equilíbrio vital para os indivíduos e grupos, perante a consciência

da morte que se lhe apresenta, e engloba uma função pedagógica, no sentido de uma procura constante do equilíbrio psicossocial. Por último, como negação da exacerbação da racionalidade humana, constituindo-se no sentido profundo do indivíduo, de que a alma é elemento preponderante, contra a finitude do tempo que passa por um tempo que não passa, contra a positividade da humanidade. Neste sentido se coloca a esperança, e assim a “função fabuladora” (Bergson, 1932) da imaginação simbólica, no seu carácter biológico contra a consciência da morte.

A imortalidade simbólica funda-se na esperança e imaginação centrada na figura humana, por um lado um sistema de compreensão de mundo real onde a intelectualidade está domesticada e positiva, digamos mesmo que consciente, o outro lado deste antagonismo, corresponde ao abstracto, onde se enquadra o espiritual e assentam as imagens (Figueiredo, 1993).

“Apresenta-se como um corolário do conhecimento da morte e reflecte uma procura universal compulsiva da continuidade simbólica com os que nos deixaram e que virão depois da nossa finita vida individual. Esta procura é central ao projecto humano” (Lifton, Simon and Schuster, 1979, pág. 17).

Lifton (1976), coloca o sentido da vida como resposta ou como eventual redutor da ansiedade e medo que a morte pode provocar no homem. Segundo este, trata-se de uma tendência universal para a manutenção de um sentimento interno e contínuo de relação simbólica ao longo do tempo e do espaço com vários elementos da vida (Lifton, 1976).

As formas de imortalidade simbólica não são únicas e estantes, tanto a nível individual com a nível social. A imortalidade simbólica, no entender de Lifton, assume várias formas, nomeadamente: “biológica”, “criativa”, “teológica”, “continuidade com a natureza” e por fim “transcendental” (Figueiredo, 1993).

PARTE II – ESTUDO EMPIRICO

Capítulo I – Metodologia

1. Introdução

O homem é na criação o ser que mais consciência tem da sua morte. Não só pelo próprio instinto de fuga, quando está em perigo a sua vida, mas também porque tem consciência plena do seu destino. O aniquilamento total está à vista da sua consciência diária. Daí que o medo e a ansiedade perante a morte, surge devido à consciência da própria mortalidade, da vulnerabilidade humana acerca da morte (Loureiro, 2004).

A morte é impensável porque contradiz toda a educação humana, “como expectativa de desaparecimento individual total e para sempre, surge como o destino mais radicalmente angustiante, dado que coincide com a total ameaça de punição e a total ameaça de não gratificação. A expectativa de morte tem, deste modo, o valor de perigo infinito, devendo corresponder a sua representação antecipada a uma ansiedade ilimitada” (Figueiredo, 1993, pág. 44-45).

Nas últimas décadas tem-se mostrado que algumas das limitações dos trabalhos empíricos produzidos se devem às eventuais fontes de confusão relativamente aos conceitos de morte e de morrer, pois a determinação da fonte geradora de ansiedade é complexa. Será a morte ou o morrer (Former e Neimeyer, 1999)? A morte enquanto incógnita, ou as dores e sofrimento envolvido no morrer?

A forma como cada um conceptualiza a morte influencia na ansiedade perante a morte. Por um lado, a percepção da morte como algo com significado pode ajudar a reduzir a ansiedade (Tomer & Eliason, 1996), por outro a morte percebida como absurdo e sem significado pode resultar num aumento considerável da ansiedade (Holcomb *et al.*, 1993). *Será que a imortalidade simbólica que cada um tem ou não pode ajudar a diminuir a ansiedade perante a morte?*

Este trabalho insere-se no âmbito do tema da morte, mais especificamente, na ansiedade face à morte, vai ser realizado junto da população idosa. Pretendo perceber como os idosos vivem esta realidade e se certos factores a influenciam.

Assim o estudo tem como principais objectivos contribuir para um melhor conhecimento da terceira idade perante a perspectiva do fim da própria vida e a ansiedade que isso pode causar.

Os objectivos principais da investigação deste trabalho são:

- ✚ Avaliação da ansiedade perante a morte;
- ✚ Avaliação do sentimento de imortalidade simbólica;
- ✚ Avaliação das atitudes perante a morte;
- ✚ E ainda estudo da relação existente entre a ansiedade perante a morte e o sentimento de imortalidade simbólica, em relação às atitudes perante a morte, numa população de idosos institucionalizados.

2. Tipo de Investigação

A metodologia desenvolvida no presente trabalho baseia-se na metodologia descritiva

Segundo a definição da metodologia descritiva em que implica e permite, como referem Carmo & Ferreira (1998) compreender e estudar a realidade actual do objecto de procurando entre dar resposta a questões nunca colocadas ou procurar obter dados que não estavam disponíveis, justifica-se assim a utilização deste tipo de investigação no presente estudo.

São utilizados como instrumentos de recolha de dados, neste tipo de metodologia de investigação, questionários ou entrevistas para responder às questões de investigação.

3. Amostra

3.1. Tipo de Amostragem

O tipo de amostra utilizada neste estudo é não probabilística, sendo o tipo de amostragem por conveniência.

A amostra é não probabilística pois foi seleccionada tendo como base critérios de escolha intencional. A técnica de amostragem não probabilística utilizada neste estudo, amostragem de conveniência foi escolhida por se ter seleccionado um grupo de indivíduos disponíveis de

encontro com o objectivo deste estudo. Trata-se de um estudo exploratório cujos resultados não podem ser generalizados à população à qual pertence o grupo de conveniência.

3.2. Caracterização da Amostra

A amostra é constituída por 65 indivíduos institucionalizados em Lares da Terceira Idade, localizados na zona do Ribatejo, com idades compreendidas entre os 65 e 95 anos de idade.

Com vista à caracterização mais precisa da amostra apresentam-se em seguida um quadro, onde se pode observar a distribuição dos elementos participantes em funções das variáveis: género, estado civil, estatuto sócio – económico, habilitações literárias, idade e tempo de institucionalização.

Relativamente á sua caracterização, nomeadamente ao nível de género 45 indivíduos pertencem sexo feminino e 20 ao sexo masculino. A faixa etária dos participantes encontra-se entre os 65 e os 95 anos de idade. A faixa etária com maior prevalência situa-se entre os 80 a 85 anos de idade com 36,9%. Seguida da faixa etária dos 85 aos 90 anos de idade com 23.1%. A faixa etária com menor prevalência é a dos 65 aos 70 anos de idade com 6.2%. No que diz respeito ao estado civil a grande maioria é casado, com 72,3%, apenas 1,5% é divorciado. Em relação ao estatuto sócio – económico prevalece o sector agrícola com 33.8 %. No que diz respeito às habilitações literárias existe uma prevalência de analfabetismo, com 43.1% e de indivíduos com o ensino primário concluído, com 41.5%.

Finalmente, no que diz respeito ao tempo de institucionalização, a prevalência é de 1 a 3 anos, com 36.9%, e 3 a 6 anos com 35.4%.

A sua distribuição é apresentada no **quadro 1.**:

Quadro 1: Caracterização da amostra em estudo.

Características		Género		Total
		Feminino (45)	Masculino (20)	
Estado civil	Solteiro	5 (11,1%)	2 (10,0%)	7 (10,8%)
	Casado	5 (11,1%)	3 (25,0%)	10 (15,4v)
	Viúvo	35 (77,8%)	12 (60,0%)	47 (72,3%)
	Divorciado	--- (0,0%)	1 (5,0%)	1 (1,5%)
$\chi^2_{(3)} = 4,607; p = .203$				
Estatuto socio-económico	Domestico	13 (28,9%)	--- (,0%)	13 (20,0%)
	Sector agrícola	18 (40,0%)	4 (,0%)	22 (33,8%)
	Sector industrial	3 (6,7%)	10 (20,0%)	13 (20,0%)
	outra	11 (24,4%)	6 (30,0%)	17 (26,2%)
$\chi^2_{(3)} = 20,578; p = .000$				
Habilitações literárias	Analfabeto	22 (48,9%)	6 (30,0%)	28 (43,1%)
	Sabe ler e escrever	5 (11,1%)	--- (,0%)	5 (7,7%)
	Ensino primário	17 (37,8%)	10 (50,0%)	27 (41,5%)
	Ciclo preparatório	1 (2,2%)	3 (15,0%)	4 (6,2%)
	Curso geral e sec.	--- (,0%)	1 (5,0%)	1 (1,5%)
$\chi^2_{(3)} = 9,791; p = .044$				
Idade (em grupos)	65 – 70 anos	1 (2,2%)	3 (15,0%)	4 (6,2%)
	70 – 75 anos	5 (11,1%)	--- (,0%)	5 (7,7%)
	75 – 80 anos	7 (15,6%)	2 (10,0%)	9 (13,8%)
	80 – 85 anos	18 (40,0%)	6 (30,0%)	24 (36,9%)
	85 – 90 anos	8 (17,8%)	7 (35,0%)	15 (23,1%)
	90 – 95 anos	6 (13,3%)	2 (10,0%)	8 (12,3%)
$\chi^2_{(5)} = 8,484; p = .131$				
Tempo de institucionalização	≤ 6 meses	3 (6,7%)	2 (10,0%)	5 (7,7%)
	6 a 12 meses	2 (4,4%)	2 (10,0%)	4 (6,2%)
	1 a 3 anos	14 (31,1%)	10 (50,0%)	24 (36,9%)
	3 a 6 anos	17 (37,8%)	6 (30,0%)	23 (35,4%)
	≥ 6 anos	9 (20,0%)	--- (,0%)	9 (13,8%)
$\chi^2_{(5)} = 6,469; p = .167$				

No quadro 2 observamos a distribuição absoluta e percentual dos itens que dizem respeito à caracterização das actividades dos idosos. Constatamos que a maioria recebe visitas de familiares (89.2%), pelo menos uma vez por semana (38.5%). Mais de metade dos idosos entrevistados (64,6%) sofrem de doenças crónicas. Em relação à terapia ocupacional dentro dos lares, 72,4 % dos idosos não fazem qualquer tipo de terapia, nem actividades.

Quadro 2: Distribuição absoluta e percentual relativa aos itens de caracterização das actividades dos idosos.

Itens:	n.º	%
Visitas:		
Não	7	10,8
Sim	58	89,2
Regularidade:		
Uma vez por semana	25	38,5
Duas vezes por semana	6	9,2
Três vezes por semana	7	10,8
Todos os dias	7	10,8
Outras (incluindo os que não têm visitas)	20	30,8
Problemas crónicos:		
Não	23	35,4
Sim	42	64,6
Terapia ocupacional:		
Não	47	72,3
Sim	18	27,7
Televisão:		
Não	58	89,2
Sim	7	10,8
Cartas:		
Não	62	95,4
Sim	3	4,6
Costura:		
Não	61	93,8
Sim	4	6,2
Jornais/informação:		
Não	59	90,8
Sim	6	9,2
Jardinagem:		
Não	62	95,4
Sim	3	4,6
Saídas/Visitas:		
Não	64	98,5
Sim	1	1,5
Desenho/pintura:		
Não	60	92,3
Sim	5	7,7
Teatro:		
Não	64	98,5
Sim	1	1,5

4. Variáveis

As três variáveis estudadas nesta investigação são a Ansiedade Perante a Morte, a Imortalidade Simbólica e as Atitudes Perante a Morte.

5. Técnica de Recolha de colheita de dados

5.1. Instrumentos

Escala Revista de Ansiedade Perante a Morte (RDAS) de Thorson & Powell [1994] (Versão Portuguesa autorizada, Luis Loureiro, 2004)

A Revised Death Anxiety Scale (DAS – R) é possivelmente a mais utilizada em todo o mundo para avaliação da ansiedade perante a morte.

A Revised Death Anxiety Scale, ou Nehrke – Templer – Boyar (NTB), trata-se de uma versão revista por Thorson & Powell (1994) a partir dos trabalhos de Nehrke (1973), que tinha realizado previamente uma revisão da Death Anxiety Scale de Templer (1970), e da Fear of Death Scale de Boyar (1964).

A Escala de Ansiedade Perante a Morte é constituída por 25 itens, oito apresentados negativamente (ex: não tenho medo de vir a ter uma morte lenta e longa), necessitando posteriormente de transformações de identidade, e os restantes pela afirmativa (ex.: receio vir a ter uma morte dolorosa). Trata-se de uma escala apresentada sob a forma de auto-relato numa estrutura tipo likert de 0 (discordo completamente) a 4 (concordo completamente) pontos.

Existem quatro factores; o 1º factor designado por medo relacionado com a incerteza e falta de controlo (itens: 2,3,5,6,7,12,14,18,19,20,22 e 24); o 2º factor relacionado com a dor e

sofrimento envolvidos no acto de morrer (integridade física) (itens: 1,8,10,15,17,21 e 23); o 3º factor relacionado com o funeral, imobilidade e decomposição (itens: 4,11 e 25) e por fim o 4º factor relacionado com a vida depois da morte (itens: 9,13 e 16).

**Symbolic Immortality Scale de Mathews & Kling [1998]
(Versão Portuguesa autorizada, Luis Loureiro, 2002)**

A escala é composta por 5 factores que correspondem aos cinco modos de Imortalidade Simbólica, da seguinte forma:

1. Factor 1 – Modo religioso
2. Factor 2 – Modo natural
3. Factor 3 – Modo Criativo
4. Factor 4 – Modo Biológico
5. Factor 5 – Modo Experiencial

Cada um dos modos de Imortalidade Simbólica é composto por seis itens:

1. Modo Religioso

1. O sentido da vida é determinado pelas minhas crenças religiosas.
2. Ser praticante da minha religião assegura-me a paz eterna
3. É importante seguir as nossas crenças religiosas, para assegurar a realização espiritual depois da morte
4. Farei quase tudo o que for preciso, para assegurar que vivo a vida seguindo as minhas crenças religiosas
5. É importante conduzir a minha vida de acordo com as minhas crenças religiosas
6. Morrer é elevarmo-nos a uma mais alta existência

2. Modo Natural

1. Estar com a natureza dá uma sensação de paz e tranquilidade à minha vida
2. Existo na natureza e a natureza existe em mim

3. Fazer parte da natureza é uma ajuda importante para a minha realização espiritual
4. É importante para mim, compreender o lugar de cada um na natureza e a relação do homem com todos os seres vivos
5. A relação fundamental entre o homem e a natureza dá sentido à minha vida
6. Sinto-me ainda mais vivo quando me encontro só com a natureza

3. Modo Criativo

1. É importante para mim saber que, depois da minha morte, as pessoas continuarão a dar valor ou a usar as minhas ideias ou coisas que fiz
2. É importante para mim saber que o meu trabalho terá um efeito positivo sobre as pessoas que viverão depois de mim
3. É importante escrever, criar ou construir alguma coisa que ficará para além da minha morte
4. Muito depois da minha morte, as pessoas lembrar-se-ão que existi devido ao trabalho ou ao que realizei
5. Quando olho para trás, é importante para mim saber que, depois da minha morte, alguns objectivos que atingi continuarão a ajudar as pessoas
6. Depois da minha morte, a minha vida continuará a ter sentido através das coisas que fiz ou criei

4. Modo Biológico

1. Farei quase tudo para assegurar o futuro dos meus filhos
2. Depois da minha morte, a minha vida terá sentido através dos meus filhos
3. É importante saber que os meus entes queridos e as pessoas que me eram próximas, me recordarão depois da minha morte
4. É importante saber que muitas das minhas crenças, valores e atitudes continuarão com os meus filhos
5. Para mim é importante falar aos meus filhos das gerações passadas, tornando vivas as lembranças dos meus antepassados
6. É importante para mim ter filhos para assegurar a continuidade da família

5. Modo Experiencial

1. Farei quase tudo o que me for agradável ou excitante
2. É importante para mim viver ao máximo, aproveitando todas as oportunidades
3. Dado que a vida é tão curta, é importante aproveitar ao máximo tudo o que é agradável e excitante
4. Quando olho para trás, é importante para mim saber que vivi quase tudo o que a vida tem para dar
5. O que dá sentido à vida são algumas das boas experiências que tive
6. Uma vida rica e cheia, é uma vida que capta muitos sentidos diferentes e que reúne uma grande variedade de experiências.

Instrução:

A instrução dada aos sujeitos baseia-se no pedir aos mesmos que indiquem se concordam ou discordam com os itens apresentados, usando para isso uma escala de cinco pontos, no qual o binómio concordo/discordo varia entre discordo completamente (valor zero), a concordo completamente (valor quatro).

Fidelidade da escala:

De acordo com Mathews & Kling (1988), podemos observar através dos seus estudos estatísticos para o cálculo da fidelidade e da validade de construto, que se obteve um alto coeficiente de alfa associado aos factores.

1. Modo religioso – alfa = .90
2. Modo Natural – alfa = .85
3. Modo Criativo – alfa = .81
4. Modo Biológico – alfa = .81
5. Modo Experiencial – alfa = .79

No nosso trabalho, na Escala de Imortalidade Simbólica, constituída por 30 itens, os sujeitos atribuem a cada um deles, um valor que varia de 1 a 5, onde o valor 1 corresponde a “concordo completamente” e o valor 5 a “discordo completamente”.

Isto significa que os valores mais baixos referem-se a um maior sentimento de Imortalidade Simbólica e os mais elevados, a um sentimento em menor grau.

Death Attitudes Profile – (R) de Wong, P.; Reker, G.; Gesser, T. [1994]
(Versão Portuguesa autorizada, Luis Loureiro, 2004)

A Escala de Avaliação do Perfil de Atitudes Perante a Morte é um dos instrumentos mais utilizados nos estudos relativos às atitudes perante a morte.

A EAPAPM é uma escala apresentada sob a forma de auto-relato escrito em resposta tipo Likert de 1 (discordo completamente) a 7 (concordo completamente) pontos.

É constituída por 32 itens abrangendo cinco dimensões:

- ✚ Medo da morte (7 itens);
- ✚ Evitamento da morte (5 itens);
- ✚ Aceitação Neutral (5 itens);
- ✚ Aceitação como aproximação (10 itens);
- ✚ Aceitação como Escape (5 itens).

Tem subjacente o conceito de aceitação da morte. Wong et al. (1994) conceberam um modelo de atitudes perante a morte, por vezes designado de modelo de aceitação da morte, e que inclui cinco componentes: o medo, o evitamento e as três componentes de aceitação, designadas de, aceitação neutral, aceitação como aproximação e aceitação como escape:

- ✚ Aceitação Neutral – compreende a morte como parte integral da vida. Não se tem medo nem se lhe dá as “boas vindas”, simplesmente se aceita como mais um facto da vida e o objectivo é tirar o melhor proveito da existência, ou seja, implica uma atitude ambivalente ou de indiferença.
- ✚ Aceitação como Aproximação – implica o acreditar numa vida feliz depois da morte, como o modo religioso de Lifton (1974) em que as crenças religiosas e a religiosidade incluem a noção de que a morte pode trazer a paz e harmonia com Deus. Jeffers et al. (1961) verificaram que as pessoas com mais empenhamento religioso acreditam mais na vida depois da morte e tendem a mostrar menos medo da morte. Verifica-se assim que a crença na vida depois da morte roda em torno da religiosidade, ou seja,

podemos deduzir como hipótese que os indivíduos religiosos apresentam menor ansiedade perante a morte.

- ✚ Aceitação como Escape – quando a vida se torna algo de miserável e de sofrimento, a morte pode vir a tornar-se uma solução. Vernon (1972) sugeriu que o medo de viver sob determinadas condições pode ser maior que o medo da morte. Quando as pessoas vivem situações de dor e sofrimento intenso, a morte parece tornar-se como o único escape. Na aceitação como escape, a morte não é olhada como algo de bom, mas sim como um aspecto trágico da existência.

5.2. Procedimento de Recolha

A possibilidade da realização da recolha da Amostra para este trabalho passou pelo consentimento por parte da Direcção dos Lares contactados através de carta. Sendo pedido a disponibilidade de um espaço para a realização das entrevistas, individualmente, e acompanhamento por parte de um membro da Instituição para indicação dos indivíduos aptos a responderem aos questionários.

Seguidamente, agendaram-se os dias em que se procederia à recolha, assim como as horas e o número de entrevistas a realizar por dia.

As entrevistas tinham uma duração de cerca de 1 hora por indivíduo, onde primeiramente se fazia uma apresentação do trabalho que se pretendia ali realizar com eles, falava-se um pouco da vida do indivíduo e a razão pela qual estava ali institucionalizado, e por fim passava-se os questionários. Estes eram aplicados através da leitura por parte do entrevistador, devido ao facto da população em causa ser bastante idosa, e apresentar dificuldades a vários níveis no que diz respeito à leitura.

Capitulo II – Resultados

No presente capítulo iremos apresentar os resultados obtidos nas três escalas utilizadas neste estudo, a Escala de Atitudes Perante a Morte (DAS), a Escala de Ansiedade Perante a Morte (RDAS) e a Escala de Imortalidade Simbólica.

Dado a dimensão da amostra, primeiramente será feito um estudo descritivo das dimensões/factores das escalas, e, posteriormente da relação entre essas dimensões/factores.

O tamanho da amostra, não sendo um problema coloca-se como tal quando se pretendem testar hipóteses que exigem grupos de dimensão considerável. Dado esta situação serão colocadas questões ao invés de hipóteses.

No quadro que se segue são apresentadas as dimensões/factores e pontuações das três escalas. Dando a perceber quais as Atitudes, Nível de Ansiedade Perante a Morte e Modos de Sentimento de Imortalidade Simbólica, privilegiados pelos idosos residentes em Lar, nesta amostra.

Quadro 3: Estatística resumo para as Dimensões/factores e pontuações das escalas: DAS; RDAS e SIS (N=65)

Dimensões/factores e pontuações das escalas	\bar{x}	s
DAS (Death Attitude Scale)		
Medo	3,59	1,75
Evitamento	5,38	1,77
Aceitação neutral	6,46	,61
Aceitação como aproximação	4,72	1,48
Aceitação como escape	5,75	1,46
(RDAS) – Revised Death Anxiety scale		
Ansiedade perante a morte	1,21	,69
RDAS - pontuação bruta	30,28	17,17
SIS – Symbolic Immortality Scale		
Modo Religiosidade	2,09	1,19
Modo Contacto com a natureza	1,62	,63
Modo criativo	1,91	,93
Modo biológico	1,57	,67
Modo experiência transcendental	1,50	,56

Na Escala de Atitudes Perante a Morte (DAS) são apresentadas as cinco atitudes perante a morte que a escala mede, assim como na Escala de Imortalidade Simbólica (SIS) onde encontramos os cinco modos de imortalidade simbólica. E a Escala de Ansiedade Perante a Morte (RDAS) que nos dá o nível de ansiedade perante a morte.

Nas DAS a atitude perante a morte mais privilegiada na população em estudo é a Aceitação Neutral ($x = 6.46$ e um $s = .61$), a média de resposta situa-se entre o Concordo e o Concordo Plenamente, com uma baixa dispersão nas resposta. De seguida temos a Atitude Evitamento ($x = 5.38$ e $S = 1.77$) a média de resposta situa-se no Concordo Moderadamente, a Aceitação como Escape ($x = 5.75$ e $S = 1.46$), a média de resposta situa-se no Concordo. A média da Atitude Aceitação como Aproximação é de $x = 4.72$ e $S = 1.48$, situa-se no Concordo Moderadamente e da Atitude Medo, $x = 3.59$ e $S = 1.75$, que se situa no Discordo Moderadamente.

Em relação à Escala de Ansiedade Perante a Morte (RDAS), a média de resposta situa-se entre o Discordo Totalmente e o Discordo ($x = 1.21$ e $s = .69$), um desvio padrão pouco disperso.

Finalmente, na Escala de Imortalidade Simbólica (SIS), os modos de imortalidade simbólica mais privilegiados pela população idosa em estudo são, o modo Experiência Transcendental ($x = 1.50$ e $s = .56$), situa-se a média no Concordo Plenamente; o modo Contacto com a natureza ($x = 1.62$ e $s = .63$) que se situa no Concordo Plenamente e o modo biológico ($x = 1.57$ e $s = .67$) também no Concordo Plenamente. O modo Criativo apresenta uma média de 1.93 (concordo) e um desvio-padrão de 0.93 e o modo Religiosidade com média de 2.09 (concordo) e desvio-padrão de 1.19.

Nos quadros que se seguem podemos ver para cada escala quais os itens mais valorizados.

Quadro 4: Itens mais valorizados na Escala de Ansiedade Perante a Morte (RDAS).

	Mínimo	Máximo	\bar{x}	s
Item 1. Receio vir a ter uma morte dolorosa	1	5	4,14	1,478
Item 10. Não tenho medo de vir a ter uma morte lenta e longa	1	5	4,00	1,490
Item 23. Não estou particularmente preocupado com o facto de poder vir a ter um cancro	1	5	3,63	1,728
Item 15. A dor envolvida no acto de morrer amedronta-me	1	5	3,14	1,648
Item 8. Horroriza-me pensar que posso vir a ser operado	1	5	2,78	1,736
Item 2. Preocupa-me não saber como é o mundo depois da morte	1	5	2,57	1,803
Item 17. Não estou preocupado com o facto de um dia vir a ser abandonado	1	5	2,55	1,829
Item 5. Os caixões põem nervoso	1	5	2,32	1,795
Item 24. Irei deixar instruções claras sobre o que quero que seja feito depois da minha morte	1	5	2,22	1,615
Item 22. O isolamento total provocado pela morte assusta-me muito	1	5	2,12	1,526
Item 4. Não fico ansioso ao pensar no que acontece ao corpo depois do funeral	1	5	2,00	1,601

O quadro 4 acima apresentado é indicativo dos 11 itens considerados como mais relevantes, segundo os valores médios obtidos e respectivos desvios padrões. Os itens 1, 10, 23 e 15 são aqueles que obtiveram valores médios mais elevados e pertencem ao Factor 2, assim como os itens 8 e 17, que estão relacionados com a dor e sofrimentos envolvidos no acto de morrer (integridade física). Os itens 2, 5, 24 e 22 pertencem ao Factor 1, designado por medo relacionado com a incerteza e falta de controlo.

Quadro 5: Itens mais valorizados na Escala de Imortalidade Simbólica (SIS).

	Mínimo	Máximo	\bar{x}	s
Item 6. Morrer é elevarmo-nos a uma mais alta existência	1	5	2,54	1,13
Item 18. Depois da minha morte, a minha vida continuará a ter sentido através das coisas que eu fiz ou crie	1	5	2,18	1,26
Item 3. É importante seguir as nossas crenças religiosas, para assegurar a realização espiritual depois da morte	1	5	2,17	1,47
Item 15. É importante escrever, criar ou construir alguma coisa que ficará para além da minha morte	1	5	2,14	1,39
Item 1. O sentido da vida é determinado pelas minhas crenças religiosas	1	5	2,06	1,48
Item 20. Depois da minha morte, a minha vida terá sentido através dos meus filhos	1	5	2,00	1,08
Item 2. Ser praticante da minha religião, assegura-me a paz eterna	1	5	1,95	1,36
Item 4. Farei tudo o que for preciso, para assegurar que vivo a vida de acordo com as minhas crenças religiosas	1	5	1,91	1,31
Item 5. É importante conduzir a minha vida segundo as minhas crenças religiosas	1	5	1,91	1,34
Item 12. Sinto-me ainda mais vivo, quando me encontro só com a natureza	1	5	1,91	1,14
Item 17. Quando olho para trás, é importante para mim saber que, depois da minha morte, alguns dos objectivos que atingi continuaram a ajudar as pessoas	1	5	1,85	1,11
Item 14. É importante para mim saber, que o meu trabalho terá um efeito positivo sobre as pessoas que viverão depois de mim	1	5	1,82	1,00
Item 28. Quando olho para trás, é importante para mim saber que vivi quase tudo o que a vida tem a dar	1	5	1,74	1,14
Item 13. É importante para mim saber que depois da minha morte, as pessoas continuarão a dar valor ou a usar as minhas ideias ou coisas que fiz	1	5	1,74	1,22
Item 16. Muito depois da minha morte, as pessoas lembrar-se-ão que existi, devido ao meu trabalho ou ao que realizei	1	5	1,71	1,18
Item 11. A relação fundamental entre o homem e a natureza, dá sentido à minha vida	1	5	1,68	,90
Item 10. É importante para mim, compreender o lugar de cada um na natureza e a relação do homem com todos os seres vivos	1	4	1,63	,74
Item 23. Para mim é importante falar aos meus filhos das gerações passadas tornando vivas as lembranças dos meus antepassados	1	5	1,62	1,10

Item 26. É importante para mim viver a vida ao máximo, aproveitando todas as oportunidades	1	5	1,58	,93
Item 19. Farei quase tudo para assegurar o futuro dos meus filhos	1	5	1,55	,94
Item 7. Estar com a natureza dá uma sensação de paz e liberdade à minha vida	1	5	1,52	,89
Item 22. É importante saber que muitas das minhas crenças, valores e atitudes continuarão com os meus filhos	1	5	1,51	,85
Item 8. Existo na natureza e a natureza existe em mim	1	3	1,51	,62

O quadro 5 acima apresentado é indicativo dos 25 itens considerados como mais relevantes, segundo os valores médios obtidos e respectivos desvios padrões. Os itens mais valorizados pela amostra em estudo encontram-se inseridos nos Modos de Imortalidade Simbólica, religioso e no modo criativo.

Quadro 6: Itens mais valorizados na Escala de Atitudes Perante a Morte (DAS).

	Máximo	Mínimo	\bar{x}	s
24. A morte é simplesmente uma parte do processo da vida	4	7	6,83	,60
14. A morte é um aspecto natural da vida	4	7	6,80	,62
6. A morte deve ser vista como um acontecimento natural, inegável e inevitável	4	7	6,78	,54
26. Tento não fazer nada que esteja relacionado com o assunto da morte	1	7	6,55	1,19
11. A morte é a libertação da dor e do sofrimento	1	7	6,34	1,31
15. A morte é a união com Deus e a felicidade eterna	1	7	6,02	1,73
17. Eu não temo a morte nem a desejo	1	7	5,98	1,75
30. A morte não é boa nem má	1	7	5,92	1,58
23. Vejo a morte como um alívio para o sofrimento terreno	1	7	5,86	1,84
29. Vejo a morte como alívio do fardo desta vida	1	7	5,68	1,91
28. Uma coisa que me dá conforto face à morte são as minhas crenças	1	7	5,68	1,91
1. A morte é sem dúvida uma experiência cruel	1	7	5,62	2,10
5. A morte traz um fim para todos os meus problemas	1	7	5,57	2,13
25. Vejo a morte como uma passagem para um lugar eterno e santo	1	7	5,55	2,04
12. Tento regularmente não pensar na morte	1	7	5,55	2,19
9. A morte providencia um escape para este mundo terrível	1	7	5,29	1,95
27. A morte oferece uma maravilhosa libertação da alma	1	7	5,18	1,81
19. Evito a todo o custo pensar acerca da morte	1	7	5,02	2,50
10. Sempre que um pensamento relacionado com a morte me vem à cabeça tento afastá-lo a todo o custo	1	7	5,02	2,58
13. Acredito que o céu será um lugar muito melhor do que este mundo	1	7	4,86	2,23
3. Evito a todo o custo pensamentos relacionados com a morte	1	7	4,78	2,62
8. A morte é a entrada num lugar último de satisfação	1	7	4,46	2,06
4. Acredito que depois de morrer irei para o céu	1	7	4,35	2,41
16. A morte traz a promessa de uma vida nova e gloriosa	1	7	4,14	2,51
22. Olho para o futuro, depois da morte, como a reunião com as pessoas que amei	1	7	3,94	2,74
2. A perspectiva da minha própria morte provoca-me ansiedade	1	7	3,83	2,73
21. Assusta-me o facto da morte significar o fim de tudo o que eu conheço	1	7	3,51	2,60

O quadro 6 acima apresentado é indicativo dos itens considerados como mais relevantes, segundo os valores médios obtidos e respectivos desvios padrões. Os itens que obtiveram pontuações mais elevados estão relacionados com a Atitude de Aceitação Neutral. Todos os itens

abaixo dos três primeiros encontram-se distribuídos pelas restantes atitudes, sendo que a Atitude Medo está representada apenas por dois itens,

De seguida encontramos as diferenças entre sexo, foi utilizado um teste t-student para perceber se as diferentes dimensões e pontuações das escalas variavam consoante o sexo.

Quadro 7: Resultados da aplicação do teste t para grupos independentes tendo como variável dependente as diferentes dimensões e pontuações das escalas em estudo e como factor a variável sexo.

	sexo	n.º	\bar{x}	s	t	p
Medo	Feminino	45	3,89	1,79	2,155	,035
	Masculino	20	2,91	1,48		
Evitamento	Feminino	45	5,39	1,85	,044	,965
	Masculino	20	5,37	1,63		
Neutralidade	Feminino	45	6,47	,56	,128	,899
	Masculino	20	6,45	,73		
Aproximação	Feminino	45	5,20	1,14	4,504	,000
	Masculino	20	3,63	1,61		
escape	Feminino	45	6,00	1,26	2,155	,035
	Masculino	20	5,18	1,72		
RDAS	Feminino	45	1,38	,70	3,189	,002
	Masculino	20	,83	,48		
Religiosidade	Feminino	45	1,63	,64	-5,824	,000
	Masculino	20	3,13	1,46		
Contact_natureza	Feminino	45	1,58	,62	-,813	,420
	Masculino	20	1,72	,67		
Criativo	Feminino	45	1,76	,74	-1,894	,063
	Masculino	20	2,23	1,21		
Biológico	Feminino	45	1,43	,51	-2,679	,009
	Masculino	20	1,89	,86		
EXP_transcendental	Feminino	45	1,51	,60	,262	,794
	Masculino	20	1,48	,48		

Na Escala de Atitudes perante a morte (DAS), existem diferenças significativas entre sexo nas atitudes; medo ($t= 2.155$ e $p= 0,035 < 0,05$), aceitação por aproximação ($t= 4,504$ e $p= 0,000 < 0,05$) e na atitude aceitação por escape ($t= 2,155$ e $p= 0,035 < 0,05$).

Na Escala de Ansiedade perante a morte também existem diferenças significativas entre os sexos ($t= 3,189$ e $p= 0,002 < 0,05$), o sexo feminino apresenta uma média de resposta entre o Discordo Totalmente e o Discordo. Enquanto que o sexo masculino apresenta uma média de resposta no Discordo Totalmente com uma baixa dispersão de respostas.

Na Escala de Imortalidade Simbólica (SIS), existem diferenças significativas entre sexos, no Modo Religiosidade ($t= -5,824$ e $p= 0,000 < 0,05$) e no Modo Biológico ($t= -2,679$ e $p= 0,009 < 0,05$). No Modo Religiosidade o sexo feminino situa a sua média entre o Concordo Totalmente e o Concordo e o sexo masculino entre o Neutro e o Discordo. No Modo Biológico apesar de existirem diferenças, a média situa-se no mesmo patamar para ambos os sexos (Concordo Plenamente / Concordo), com uma menor dispersão de resultados no sexo feminino.

Finalmente, para responder à questão se existem relações entre as três escalas, apresentamos de seguida uma matriz de correlações para as diferentes dimensões/factores e pontuações das escalas.

Quadro 8: Matriz de correlações bivariadas de Pearson entre as Dimensões/factores e pontuações das escalas: DAS; RDAS e SIS (N=65) – Testes bicaudais.

	Medo	Evitamento	Neutralidade	Aproximação	Escape
RDAS	$r=,619$ $p=,000$	$r=,317$ $p=,010$	$r=,113$ $p=,369$	$r=,269$ $p=,030$	$r=,131$ $p=,298$
Religiosidade	$r=,318$ $p=,010$	$r=,275$ $p=,027$	$r=,052$ $p=,683$	$r=,790$ $p=,000$	$r=,402$ $p=,001$
Contacto com a natureza	$r=,221$ $p=,077$	$r=,160$ $p=,202$	$r=,119$ $p=,347$	$r=,243$ $p=,051$	$r=,345$ $p=,005$
Criativo	$r=,121$ $p=,335$	$r=,275$ $p=,027$	$r=,283$ $p=,022$	$r=,318$ $p=,010$	$r=,232$ $p=,062$
Biológico	$r=,170$ $p=,177$	$r=,142$ $p=,260$	$r=,347$ $p=,005$	$r=,300$ $p=,015$	$r=,141$ $p=,261$
Experiência transcendental	$r=,133$ $p=,289$	$r=,153$ $p=,223$	$r=,457$ $p=,000$	$r=,182$ $p=,147$	$r=,013$ $p=,919$

No quadro acima apresentado, encontram-se as correlações entre as atitudes perante a morte, a ansiedade perante a morte e a imortalidade simbólica.

Em relação à ansiedade perante a morte (RDAS) constatamos que existe uma forte correlação positiva entre a ansiedade perante a morte e a atitude medo. Quando uma aumenta a outra também aumenta ($r=0,619$; $p=0,000$). Encontra-se também uma fraca relação positiva entre a ansiedade e a atitude evitamento ($r=0,269$; $p=0,030$). Não foi encontrada uma correlação significativa entre a aceitação neutral e a ansiedade ($r= -0,113$; $p=0,369$) e a aceitação como escape ($r=0,131$; $p=0,298$).

No que respeita aos modos de imortalidade simbólica, as correlações com as atitudes são sempre negativas, ou seja, se uma aumenta a outra diminui. A correlação forte negativa encontra-se entre o modo religiosidade e a aceitação como aproximação ($r=-0,790$; $p=0,000$) O modo religiosidade correlaciona-se ainda de forma negativa com a atitude medo ($r= -0,318$; $p=0,010$), com a atitude evitamento ($r= -0,275$; $p=0,027$) e com a aceitação como escape ($r= -0,402$; $p=0,001$).

O modo contacto com a natureza correlaciona-se negativamente com a aceitação como escape ($r= -0,345$; $p=0,005$). O modo criativo tem correlações negativas com a atitude evitamento ($r= -0,275$; $p=0,027$), com a aceitação neutral ($r= -0,347$; $p=0,005$) e com a aceitação como aproximação ($r= -0,318$; $p=0,010$).

O modo biológico correlaciona-se negativamente com a aceitação neutral ($r= -0,347$; $p=0,005$) e com a aceitação como aproximação ($r= -0,300$; $p= 0,015$).

Por fim, o modo transcendental tem uma correlação negativa com a aceitação neutral ($r= -0,457$; $p=0,000$).

Capitulo III – Discussão

Em Portugal, o estudo do morrer e da morte continua a ser de algum modo tabu, não tendo ainda os psicólogos dedicado muita atenção ao tema, salvo algumas excepções. A investigação é ainda mais rara relacionando a morte com a terceira idade.

O conceito de morte é relativo à idade, cultura, pessoa e outras variáveis, tratando-se sempre de um tópico complexo e muito variável.

Um estudo empírico de Barros (1999, pp. 323 – 343) deu a indicação de que os idosos não representam a morte de forma mais dramática ou negativa do que os mais novos.

Segundo Howarth (1998), os idosos comportam-se muito diversamente frente à morte, afirmando uns que estão preparados, outros vivendo o momento presente apegados à vida, sem pensar a longo prazo.

O nosso estudo pretendia perceber como os idosos vivem a realidade da morte e a ansiedade que isso pode acarretar. Os objectivos principais da investigação foram, a Avaliação da ansiedade perante a morte; a Avaliação do sentimento de imortalidade simbólica; a Avaliação das atitudes perante a morte e ainda o estudo da relação existente entre a ansiedade perante a morte e o sentimento de imortalidade simbólica, em relação às atitudes perante a morte, numa população de idosos institucionalizados.

Verificou-se que para esta amostra existe um baixo nível de Ansiedade Perante a Morte. Através da análise do quadro 3, conclui-se que a amostra tem valores baixos de ansiedade (\bar{x} = 1,21 – Discordo completamente) com um desvio-padrão pouco disperso. Os itens mais valorizados pelos idosos da amostra encontram-se dentro do Factor 2 da escala, que estão relacionados com a dor e sofrimentos envolvidos no acto de morrer (integridade física). Pode-se supor então que os idosos da amostra estão mais preocupados que o processo de morrer em si e não com a morte propriamente dita.

Segundo um estudo de Munnich (cit. Oliveira, B, 1998) com 100 holandeses idosos, apenas um pequeno número de pessoas temia o fim, sendo a atitude mais frequente a aceitação ou o consentimento, particularmente por parte dos que atingiram uma certa maturidade psicológica, predominando atitudes mais negativas nas pessoas imaturas.

Rasmussen e Brems (1996) constataram que a maturidade psicológica era um preditor melhor da ansiedade face à morte do que a idade, embora esta também se correlacionasse com o medo da morte. Assim, uma maior maturidade e mais idade correlacionam negativamente com o medo da morte que diminui à medida que aquelas aumentam (cit. Oliveira, B., 1998).

Como vimos na teoria, segundo Wong (1995, 1998, 2000) uma das bases que fazem despontar a ansiedade perante a morte é o *medo da dor envolvida no acto de morrer e medo da solidão*. Este medo do abandono de amigos, com dor é considerado dos maiores potenciais para a ansiedade perante a morte.

Nesta amostra quando se verificou uma Ansiedade Perante a Morte elevada então a atitude Medo também era elevada. O que vai de encontro com a teoria, um maior medo da morte provoca uma maior ansiedade.

De forma não tão significativa o mesmo se verificou em relação à Ansiedade e à atitude de Evitamento.

Em relação ao Sentimento de Imortalidade Simbólica, podemos ver através da análise do quadro 3 que as pontuações foram elevadas, situando-se as respostas entre o Concordo Plenamente e o Concordo. Podemos dizer que para esta amostra existe um elevado Sentimento de Imortalidade Simbólica. Fazendo a ponte com os níveis de Ansiedade Perante a Morte, onde se obteve resultados baixos, situados no Discordo Totalmente, podemos conjecturar que o Sentimento de Imortalidade Simbólica, tal como vimos na teoria, funciona como uma defesa contra a Ansiedade Perante a Morte e como algo que dá sentido à vida.

Em relação aos cinco modos de Imortalidade Simbólica não se obteve resultados significativos, os cinco modos de Imortalidade Simbólica são valorizados e do ponto de vista dos itens mais valorizados não se encontraram diferenças significativas. Coloca-se a possibilidade de que quando existe Imortalidade Simbólica esta não se baseia apenas num modo mas num conjunto. Como diz a teoria a Imortalidade Simbólica não é apenas um projecto individual, mas faz parte do processo de socialização e da própria sobrevivência em grupo, no projecto histórico colectivo. Assim sendo os resultados não foram conclusivos para o modo de Imortalidade Simbólica mais privilegiado para os idosos desta amostra. Contudo, percebemos que a existência

de Sentimento de Imortalidade correlaciona-se negativamente com a Atitudes Perante a Morte, isto é, quando a Imortalidade Simbólica aumenta as atitudes perante a morte diminuem ou vice-versa.

Na amostra, quando se verificou um nível elevado do Modo Religiosidade a atitude Medo e Evitamento diminuíram. No entanto, o Modo Religiosidade correlacionou-se negativamente com a Aceitação como Aproximação. Podemos supor que o Modo Religiosidade representa as crenças religiosas intrínsecas e verdadeiras do indivíduo, enquanto que a Aceitação como Aproximação representa o acreditar num outro mundo após a morte. Por sua vez, as crenças religiosas e a crença na existência de um Deus não representa que a pessoa acredite que após a morte vá para um outro mundo – um céu.

Quando se verificou que existia um Sentimento de Imortalidade simbólica, Biológico, Criativo e Transcendente a Aceitação Neutral diminui, isto poderá acontecer devido ao elevado grau de realização e de pertença que o sujeito desenvolveu.

O Modo Transcendental obteve valores um pouco mais elevados que os outros modos, e uma baixa dispersão na amostra, segundo a teoria quando não existe um pesar em relação ao passado o indivíduo experimenta um baixo nível de ansiedade perante a morte, o que se confirmou nesta amostra. Parece que o medo da morte tem mais a ver com a personalidade e o sentido de bem-estar do que com a idade e mesmo com o sexo. Tornstam, 1996, postula que na velhice a visão materialista da vida vai cedendo lugar a uma visão mais transcendente que traz consigo uma maior satisfação com a vida. Segundo, Oliveira, B. (1998), o conceito de transcendência comporta três níveis de mudança ontológica: a nível cósmico (mudanças em relação ao tempo, espaço, sentido da vida e da morte, comunhão com o espírito do universo); a nível do “eu” (passagem do egocentrismo ao altruísmo, integração dos vários aspectos do eu); a nível das relações interpessoais e sociais (prevalência das relações profundas e não superficiais, apreciação da solidão, aumento da reflexão).

Em relação às Atitudes Perante a Morte a atitude perante a morte mais valorizada pela amostra foi a Aceitação Neutral. Ou seja, a morte é compreendida como parte integral da vida. Não se tem medo nem se lhe dá as “boas vindas”, simplesmente se aceita como mais um facto da

vida e o objectivo é tirar o melhor proveito da existência, ou seja, implica uma atitude ambivalente ou de indiferença. O que vai de encontro com os baixos níveis de Ansiedade Perante a Morte encontrados. Como já vimos sempre que a Atitude de Medo e Evitamento estavam presentes os níveis de Ansiedade aumentavam, ou seja, estas duas atitudes correlacionaram-se positivamente com a Ansiedade Perante a Morte.

No estudo da escala de Ansiedade perante a morte verificou-se que a amostra valorizou os itens referentes ao medo relacionado com a dor e sofrimento envolvidos no acto de morrer. O que poderá explicar o facto de apesar de termos uma amostra com um grau de religiosidade elevado não Aceita a morte como uma Aproximação, isto é, acreditar numa vida feliz depois da morte, que a morte traz a paz e harmonia com Deus. O medo sentido em relação ao processo de morrer, à possível dor e sofrimento envolvidos no acto de morrer, não permitem uma visão calma e harmoniosa da morte como um encontro com Deus. Segundo alguns estudos, pessoas religiosas que dizem ter menos medo da morte, não são menos imunes ao temor pelo processo de morrer. Lester (cit. Oliveira, B, 1998) examinou dez estudos, com resultados discrepantes, e avançou a conclusão de que “a crença religiosa não afecta a intensidade do medo à morte, mas antes canaliza o medo para os problemas específicos que cada religião propõe”. Entretanto, a religião pode ajudar a transcender ou a sublimar o medo à morte e, em graus extremos, pode levar o crente a desejar mesmo morrer para se encontrar com a divindade.

Existem vários estudos, alguns deles contraditórios, mais em particular quanto à religião, Powell e Thorson (1991) provaram uma significativa correlação positiva entre a ansiedade face à morte e uma motivação religiosa intrínseca. Já Rasmussen e Johnson (1994), não encontraram uma correlação positiva entre a ansiedade da morte e a espiritualidade e religiosidade (cit. Oliveira, B., 1998)

Tal como Former & Neimeyer, 1999, interrogam “ Será a morte ou o morrer? A morte enquanto incógnita, ou as dores e sofrimento envolvidos no morrer?”. Para além do medo relacionado com a dor e sofrimento envolvido no acto de morrer, a amostra valoriza também o medo relacionado com a incerteza e falta de controlo, ou seja um medo perante o processo da morte e não da própria morte enquanto fim da vida. O que poderá justificar os valores baixos

obtidos para a Atitude Medo, o medo aqui medido poderá ser o medo da morte (Tenho um intenso medo da morte) e não do processo de morrer.

No que diz respeito ao Sexo, verificou-se algumas diferenças mas pouco significativas. Em relação à Ansiedade Perante a Morte, embora ela tenha valores baixos para ambos os sexos, no sexo masculino são mais baixos que no feminino. E existe uma menor dispersão de valores no sexo masculino.

Nas Atitudes Perante a Morte, a atitude Medo no sexo feminino situa-se no “nem concordo nem discordo” e no sexo masculino no “discordo moderadamente”, ou seja, a Atitude Medo é mais elevada no sexo feminino. O que poderá justificar que a Aceitação como Aproximação e a Aceitação como Escape também sejam mais elevadas para o sexo feminino. Em relação ao Sentimento de Imortalidade Simbólica as diferenças são mínimas, notando-se apenas que para o sexo feminino o Modo Religioso tem valores mais elevados, situando-se no “concordo plenamente” enquanto que para o sexo masculino situa-se no “neutro”.

Visto através deste estudo que o Sentimento de Imortalidade Simbólica poderá ajudar a reduzir a Ansiedade Perante a Morte, seria uma mais valia, aprofundar o estudo deste sentimento e perceber se realmente não existe um Modo de Imortalidade mais privilegiado que outro, e de que forma se pode trabalhar este Sentimento de Imortalidade e desenvolvê-lo nesta população mais idosa.

A morte não é apenas um facto biológico mas profundamente humano. A sua aceitação constitui um dos maiores sinais de maturidade humana; pois a morte melhor do que ninguém, pode servir a vida. Tal como nos diz Rogério Almeida (1989), encontrar um sentido para a vida e também para a morte trata-se de uma “verdadeira necessidade vital, de um verdadeiro ‘postulado da existência’”.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, J. R. (1989). **Vida e Morte – Sentido e esperança**. Porto: Ed. Salesianas.
- BECKER, E. (1962) – **The birth and death of meaning**. Nueva York, Free Press.
- BECKER, E. (1975) - **Escape from evil**. Nueva York, Free Press.
- BECKER, E.(1973) - **The denial of death**. New York: Free Press, p.170.
- BELSKY, J. K.(1999) - **The Psychology of Aging: Theory, Research and Intervention**. Pacific Grove, California: Brooks-Cole.
- COSTA, M. (1992). **Contextos Sociais de Vida e Desenvolvimento da Identidade**. Porto.
- ERIKSON,E.H., ERIKSON, J.M. & KIVNICK, H.Q. (1986) – **Vital involvement in old age**, Nueva York, Norton.
- ERKSON,E.H.(1982) – **Childhood and society**, Nueva York, Norton.
- FEIFEL, H. (1990) - **Psychology and death**. American Psychologist, 45, p. 537-543.
- FRANKL, V. E (1963) - **Man’s search for meaning**. Boston: Beacon Press.
- FREUD, A. (1946) - **The ego and the mechanism of defense**. Nueva York: International Univ. Press.
- GILLIAND, J. C.; TEMPLER, D. I.(1985-1986) – **Relationship of death anxiety scale factors to subjective states**, Omega, 16. p.155-167.
- KAUSTEBAUM, R.H.; AINSBERG, R.(1972) – **The psychology of death**, Nueva York, Springer.
- KELLY, G. A. (1955). **The Psychology of personal constructs**. Nueva York: Norton
- LIFTON, R.J (1979) – **The broken connection**, Nueva York, Simon and Schuster. 1979

LOUREIRO, L.J. – **Atitudes perante a morte e percepção dos comportamentos de cuidar dos enfermeiros.** 2004

MADDI, S. (1970) - **The Search for meaning.** In Arnold W.J., & M. M. PAGE (Eds). Nebraska Symposium of Motivation. Lincoln: University of Nebraska Press, p.137-186. 1970

MASLOW, A. H. (1970) - **Motivation and personality.** New York: Van Nostrand Reinhold.

NEIMEYER, R. A.; CHAPMAN, K. M. (1980) - **Self/ideal discrepancy and fear of death: testing an existential hypothesis.** Omega, 1,p.233-240.

NEIMEYER, R. A.; MOORE, M. K.; BAGLEY, K. (1988) - **A preliminary factor structure for the Threat Index.** Death Studies, 12, p. 217-225

NEWMAN, B.; NEWMAN, P. (1991). **Development Through Life.** A Psychosocial Approach. Brooks Cole Publishing Company, Califórnia.

OLIVEIRA, B. (1998) – **Viver a morte: abordagem antropológica e psicológica.** Coimbra: Livraria Almedina. 1998. ISBN 85-336-0496-3.

PEREIRA, E.; GAGO, A. – **Promover a dignidade do homem perante a morte: Informar.** Porto. nº6 (Julho – Setembro, 1996) p.21-23.

PHIPPS, W. J. et al. – **Enfermagem Médico-Cirúrgica: Conceitos e Prática Clínica.** 2ª ed. Lisboa: Lusodidacta, 1999. ISBN 972-96610-0-6.

ROGERS, C. R. (1959) - **A theory of therapy, personality, and interpersonal relationships, as developed in the client-centered framework.** In Koch, S., **Psychology: A study of science** (vol 3). New York: MaGRAW-Hill.

ROSENBLATT, A., GREENBERG, J.; SOLOMONS, S.; PYSZCZYNSKI, T.; LYON, D. (1989) – **Evidence for terror management theory: I. The effects of mortality salience on reaction to**

those who violate or uphold cultural values, Journal of Personality and Social Psychology, 57, p. 681-690.

TAYLOR, S. E. & Brown, J. D. (1988)- **Illusions and well-being: A social psychological perspective on mental health**, Psychological Bulletin, 103, p. 193-210.

TAYLOR, S.E. (1983). **Adjustment to threatening events: A theory of cognitive adaptation**. American Psychologist: 38: 1161-1173.

TAYLOR, S.E.; COLLINS, R.L., SKOKAN, L.A.; ASPINWALL, L.G. (1989) – **Maintaining positive illusions in the face of negative information: Getting the facts without letting them to get you**, Journal of Social and Clinical Psychology.

THOMPSON, S. C.; JANIGIAN, S. A. (1988) - **Life schemes: a framework for understanding in the search for mining**. Journal of Social and Clinical Psychology, 2, p. 260-280.

TOMER A.; ELIASON, G. (199&) - **Toward A Comprehensive Model of Death Anxiety**. Death Studies, 20, p. 343-365.

VALENTIM, J. C. M. - **Morte**. Nursing, 2, p. 42-48.1990

WISOCKI & AVERIL (1987) – **“The Challenge of Bereavement”**. In Handbook of Clinical Gerontology. Pergamon Press. Great Britain. p. 312 – 321.

WONG, P. T. P.; REKER, G. T.; GESSER, T. (1994) - **Death attitude profile-revisited: A multidimensional measure of attitudes toward death**. In Neimeyer, R. A. (Ed.). Death Anxiety Handbook, Washington, DC: Taylor and Francis. p.121-148.

Anexos

Anexo A

(Questionário Sócio – Demográfico)

Anexo B

(Escala Revista de Ansiedade Perante a Morte – RDAS) Thorson e Powell [1994]

Anexo C

(Symbolic Immortality Scale) Mathews & Kling [1998]

Anexo D

(Death Attitude Profil – R) Wong, P.; Reker, G.; Gesser. T. [1994]

Escala Revista de Ansiedade Perante a Morte (RDAS)

Thorson & Powell [1994]

Versão Portuguesa autorizada (Luís Loureiro, 2004)

Encontra de seguida 25 afirmações relativas à morte. Leia cada uma e assinale na grelha com uma cruz a resposta que melhor corresponde à sua opinião.

1. Discordo totalmente	2. Discordo	3. Não concordo nem discordo	4. Concordo	5. Concordo totalmente
---------------------------	----------------	------------------------------------	----------------	------------------------------

- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| 1. Receio vir a ter uma morte dolorosa | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Preocupa-me não saber como é o mundo depois da morte..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. A ideia de não voltar a pensar depois da morte assusta-me | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Não fico ansioso ao pensar no que acontece ao corpo depois do funeral | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Os caixões põem nervoso | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Odeio pensar que depois de morrer vou perder o controle sobre as minhas coisas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Ficar totalmente imobilizado depois de morto, preocupa-me | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Horroriza-me pensar que posso vir a ser operado | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. O tema da vida depois da morte preocupa-me muito | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Não tenho medo de vir a ter uma morte lenta e longa | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Não me preocupo com a ideia de vir a ser fechado num caixão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Odeio pensar que serei abandonado, depois de morrer | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. Não estou preocupado com o facto de saber se existe vida para além da morte | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. Assusta-me pensar que, depois de morrer, nunca mais vou sentir nada..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. A dor envolvida no acto de morrer amedronta-me | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 16. Espero ter uma vida nova depois de morrer | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 17. Não estou preocupado com o facto de um dia vir a ser abandonado | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 18. Perturba-me pensar que o meu corpo se vai decompor na sepultura | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 19. Perturba-me o sentimento, de que vou desaparecer para sempre, depois de morrer | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 20. Estou preocupado com o que acontece connosco depois de morrer | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 21. Não me preocupa o facto de ter as coisas sob controlo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 22. O isolamento total provocado pela morte assusta-me muito | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 23. Não estou particularmente preocupado com o facto de poder vir a ter um cancro | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 24. Irei deixar instruções claras sobre o que quero que seja feito depois da minha morte | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 25. O que vai acontecer com o meu corpo depois da minha morte não me preocupa | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Death Attitude Profile – (R)
(Wong, P., Reker, G., Gesser, T., 1994)
[Versão Portuguesa de Loureiro, 2004]

São-lhe apresentadas algumas afirmações. Solicitamos que leia cada uma delas e a seguir assinale na grelha a sua opinião colocando um cruz sobre o número que melhor corresponde à sua opinião.

Discordo completamente ①	Discordo ②	Discordo moderadamente ③	Não concordo Nem discordo ④	Concordo moderadamente ⑤	Concordo ⑥	Concordo completamente ⑦
-----------------------------	---------------	-----------------------------	-----------------------------------	-----------------------------	---------------	-----------------------------

- | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. A morte é sem dúvida uma experiência cruel | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 2. A perspectiva da minha própria morte provoca-me ansiedade | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 3. Evito a todo o custo pensamentos relacionados com a morte | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 4. Acredito que depois de morrer irei para o céu | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 5. A morte traz um fim para todos os meus problemas | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 6. A morte deve ser vista como um acontecimento natural, inegável e inevitável | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 7. Incomodo-me com o “fim” da morte | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 8. A morte é a entrada num lugar último de satisfação | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 9. A morte providencia um escape para este mundo terrível | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 10. Sempre que um pensamento relacionado com a morte me vem à cabeça tento afastá-lo a todo o custo | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 11. A morte é a libertação da dor e do sofrimento | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 12. Tento regularmente não pensar na morte | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 13. Acredito que o céu será um lugar muito melhor do que este mundo | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 14. A morte é um aspecto natural da vida | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 15. A morte é a união com Deus e a felicidade eterna | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 16. A morte traz a promessa de uma vida nova e gloriosa | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 17. Eu não temo a morte nem a desejo | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 18. Tenho um intenso medo da morte | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 19. Evito a todo o custo pensar acerca da morte | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 20. O assunto da vida depois da morte perturba-me muito | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 21. Assusta-me o facto da morte significar o fim de tudo o que eu conheço | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 22. Olho para o futuro, depois da morte, como a reunião com as pessoas que amei | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 23. Vejo a morte como um alívio para o sofrimento terreno | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 24. A morte é simplesmente uma parte do processo da vida | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 25. Vejo a morte como uma passagem para um lugar eterno e santo | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 26. Tento não fazer nada que esteja relacionado com o assunto da morte | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 27. A morte oferece uma maravilhosa libertação da alma | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 28. Uma coisa que me dá conforto face à morte são as minhas crenças | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 29. Vejo a morte como alívio do fardo desta vida | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 30. A morte não é boa nem má | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 31. Olho antecipadamente para a vida depois da morte | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |
| 32. Preocupa-me a incerteza de nada saber ao que acontece depois da morte | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ | ⑦ |

Questionário Demográfico

Data: ____/____/____

Idade: _____

Sexo: _____

1. Institucionalizado há quanto tempo: _____

2. Estado civil:

Solteiro Casado Viúvo Separado Divorciado

3. Estatuto Sócio – económico:

Profissão que tinha: _____

Habilitações literárias: _____

4. Anterior Residência:

Meio Urbano Meio Suburbano Meio Rural

5. Visitas regulares da família: SIM NÃO

Que regularidade?

Todos dias

3 vezes semana e 1 vez fim de semana

2 vezes semana e 1 vez fim de semana

1 vez semana e 1 vez fim de semana

1 vez semana

1 vez fim de semana

Outras? _____

6. Problemas de saúde crónicos? SIM NÃO

Quais? _____

7. Terapia Ocupacional? SIM NÃO

Que actividades desenvolvidas durante a semana?

Televisão <input type="checkbox"/>	Cartas <input type="checkbox"/>	Costura <input type="checkbox"/>	Exercício Físico <input type="checkbox"/>
Leitura <input type="checkbox"/>	Jogos de Sociedade <input type="checkbox"/>	Tricot <input type="checkbox"/>	Marcha <input type="checkbox"/>
Conversação <input type="checkbox"/>	Ginástica Cerebral <input type="checkbox"/>	Crochet <input type="checkbox"/>	Outros desportos <input type="checkbox"/>
Jornais / Informação <input type="checkbox"/>	Jardinagem <input type="checkbox"/>	Bordados <input type="checkbox"/>	Saídas / Visitas <input type="checkbox"/>
Escrever <input type="checkbox"/>	Desenho / Pintura <input type="checkbox"/>	Bricolage <input type="checkbox"/>	
Foto / Vídeo <input type="checkbox"/>	Música / Canto <input type="checkbox"/>		

1. **Sexo:** - Masculino
- Feminino

2. **Idade:** _____ anos

3. **Estado Civil:** - Solteira(o)
- Casada(o)
- União de Facto
- Divorciada(o)
- Separada(o)
- Viuva(o)
- Outro Qual: _____

4. **As suas Habilitações Literárias:**

- Não sabe ler nem escrever	<input type="checkbox"/>
- Sabe ler e escrever	<input type="checkbox"/>
- Ensino Primário (até à 4º classe)	<input type="checkbox"/>
- Ciclo preparatório	<input type="checkbox"/>
- Curso Geral do Ensino Secundário (antigo 5º ano do liceu)	<input type="checkbox"/>
- Curso complementar do Ensino Secundário (antigo 7º ano do liceu)	<input type="checkbox"/>
- Bacharelato/Licenciatura;	<input type="checkbox"/>

Symbolic Immortality Scale
(Mathews & Kling 1998; versão Portuguesa autorizada Loureiro, 2002)

São-lhe apresentadas seguidamente trinta (30) afirmações. Solicitamos que indique a sua opinião sobre cada uma, de acordo com uma escala que vai de 1 (concordo Plenamente) a 5 (discordo Plenamente), colocando uma cruz (x) sobre o número que corresponde à sua opinião.
Por favor, marque a primeira resposta que lhe ocorrer para cada uma das afirmações. Não há respostas certas ou erradas.

1	2	3	4	5
Concordo Plenamente	Concordo	Neutro	Discordo	Discordo Plenamente

SIS**

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1. O sentido da vida é determinado pelas minhas crenças religiosas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Ser praticante da minha religião, assegura-me a paz eterna | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. É importante seguir as nossas crenças religiosas, para assegurar a realização espiritual depois da morte | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Farei tudo o que for preciso, para assegurar que vivo a vida de acordo com as minhas crenças religiosas..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. É importante conduzir a minha vida segundo as minhas crenças religiosas..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Morrer é elevarmo-nos a uma mais alta existência | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Estar com a natureza dá uma sensação de paz e liberdade à minha vida..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Existo na natureza e a natureza existe em mim | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

- 9.** Fazer parte da natureza é uma ajuda importante para a minha realização espiritual..... 1 2 3 4 5
- 10.** É importante para mim, compreender o lugar de cada um na natureza e a relação do homem com todos os seres vivos..... 1 2 3 4 5
- 11.** A relação fundamental entre o homem e a natureza, dá sentido à minha vida 1 2 3 4 5
- 12.** Sinto-me ainda mais vivo, quando me encontro só com a natureza..... 1 2 3 4 5
- 13.** É importante para mim saber que depois da minha morte, as pessoas continuarão a dar valor ou a usar as minhas ideias ou coisas que fiz..... 1 2 3 4 5
- 14.** É importante para mim saber, que o meu trabalho terá um efeito positivo sobre as pessoas que viverão depois de mim..... 1 2 3 4 5
- 15.** É importante escrever, criar ou construir alguma coisa que ficará para além da minha morte..... 1 2 3 4 5
- 16.** Muito depois da minha morte, as pessoas lembrar-se-ão que existi, devido ao meu trabalho ou ao que realizei..... 1 2 3 4 5
- 17.** Quando olho para trás, é importante para mim saber que, depois da minha morte, alguns dos objectivos que atingi continuarão a ajudar as pessoas 1 2 3 4 5
- 18.** Depois da minha morte, a minha vida continuará a ter sentido através das coisas que eu fiz ou crie..... 1 2 3 4 5
- 19.** Farei quase tudo para assegurar o futuro dos meus filhos..... 1 2 3 4 5
- 20.** Depois da minha morte, a minha vida terá sentido através dos meus filhos..... 1 2 3 4 5
- 21.** É importante saber que os meus entes queridos e as pessoas que me são próximas me recordarão depois da minha morte..... 1 2 3 4 5
- 22.** É importante saber que muitas das minhas crenças, valores e atitudes continuarão com os meus filhos..... 1 2 3 4 5
- 23.** Para mim é importante falar aos meus filhos das gerações passadas tornando vivas as lembranças dos meus antepassados..... 1 2 3 4 5
- 24.** É importante para mim ter filhos para assegurar a continuidade da família 1 2 3 4 5
- 25.** Farei quase tudo o que me for agradável ou excitante 1 2 3 4 5
- 26.** É importante para mim viver a vida ao máximo, aproveitando todas as oportunidades 1 2 3 4 5
- 27.** Dado que a vida é tão curta, é importante aproveitar ao máximo tudo o que é agradável e excitante..... 1 2 3 4 5
- 28.** Quando olho para trás, é importante para mim saber que vivi quase tudo o que a vida tem a dar..... 1 2 3 4 5
- 29.** O que dá sentido à vida são algumas das boas experiências que tive..... 1 2 3 4 5
- 30.** Uma vida rica e cheia, é uma vida que capta muitos sentidos diferentes e que reúne uma grande variedade de experiências..... 1 2 3 4 5